

tempoe
presença

Publicação mensal do CEDI
número 169
julho de 1981

La parole de Dieu est vive & efficace, &
plus penetrante que
tout glaive à deux trenchans. Ebrnieux 4.



**A IGREJA
DO PROTESTO**

Este número é bem protestante no sentido mais amplo. Pretende ele enfocar experiências, idéias e ações de procedências nem todas eclesialmente protestantes mas formalmente protestantes.

O leitor vai descobrir esse risco linear que atravessa a maior parte dos textos. De um lado estão expressões religiosas evangélicas de uma ação que deixa de repetir o temário comum com vistas ao proselitismo, a fim de se fazer voz para os que não podem falar; defender, reclamar, exigir providências, protestar contra exigências ou abusos. Posições de Igrejas, do Conselho Nacional de Igrejas estão nele a retomar o discurso pré-sessenta-e-quatro quando a Confederação Evangélica estava na linha de justiça social e da responsabilidade social dos crentes.

Doutro lado até mesmo vozes, como a de Casaldáliga, em sua trincheira, também protestando. E se queremos usar o vocábulo protestar como a afirmação inarredável de uma fé consciente, também isto se encontra aqui.

Nestas páginas se somam a consciência crítica, segura e séria de um presbiteriano (Zwinglio Mota Dias) ao testemunho — quase um poema — de um protestante (Rubem Alves) duplamente convicto (de um lado por manter intangível sua consciência de fé, e, de outro, por se considerar o réu convencido frente a uma estrutura de poder eclesiástico que praticamente o exilou sem defesa). Ele vê a Igreja com olhar saudoso.



Ainda há um Cordel (Robson Rodrigues) cantando à maneira-povo a epopéia da Reforma Protestante tão restrita aos eruditos da Igreja. Uma releitura do texto sagrado (José Bittencourt Filho) analisa uma certa violência que Deus permite quando, na forma de violência segunda, recoloca o problema do poder voltado para a verdade e a serviço do seu povo, já que a violência era antipovo.

A IGREJA DO PROTESTO que parte da Palavra como a espada de fogo dos Reformadores, "espada de dois gumes... que julga as disposições e intenções do coração... Tudo está nu e descoberto a seus olhos. É a ela que devemos prestar contas (Hb 4.12,13).

A IGREJA DO PROTESTO que não é apenas protestante no sentido tradicional, é antes de tudo, IGREJA.

Ilustração da capa
E. Doumerge: Iconografia
Calvinista (Bridel, Lausanne,
1909). As letras IG (Ignis Gladium,
espada de fogo) reportam ao texto
(Hebreus 4.12).

Tempo e Presença Editora Ltda.

Diretor
Domicio Pereira de Matos

Conselho Editorial
Carlos Alberto Ricardo
Letícia Cotrim
Zwinglio Mota Dias
Carlos Rodrigues Brandão
Jether Pereira Ramalho
Eliseu Lopes
Henrique Pereira Junior
Carlos Mesters
Beatriz Araujo Martins

Composição
Editora Gráfica Luna Ltda.
Rua Barão de São Félix, 129 - Centro

Fotolitos e Impressão
Clip — Rua do Senado, 200
Tel. 252-4610

Assinatura anual: Cr\$ 600,00
Remessa em cheques pagáveis no Rio
para Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal 16082
22221 Rio de Janeiro, RJ

Publicação mensal
Registro de acordo com a
Lei de Imprensa

CEDI
Centro Ecumênico
de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98 fundos
Telefone 2055197
22241 Rio de Janeiro, RJ

Av. Higienópolis, 983
Telefone 667273
01238 São Paulo, SP

Coordenador de Publicações
Paulo Cezar Loureiro Botas

Equipe de Arte
Anita Slade
Martha Braga

Produtor Gráfico
Álvaro A. Ramos

Redatores
Carlos Cunha
José Ricardo Ramalho

Assinaturas e Expedição
Eduardo Spiller Penna

Fotos
Lourdes Maria

EVANGELHO E IDEOLOGIA: UMA MISTURA NÃO PREMEDITADA

O Caso do Protestantismo Brasileiro

Zwinglio M. Dias

Neste texto o secretário-geral do CEDI, o pastor presbiteriano Zwinglio Mota Dias, faz uma análise das repercussões havidas no protestantismo brasileiro a partir da evolução da consciência política das Igrejas fortemente marcadas pelo movimento social das últimas décadas no Brasil.

INTRODUÇÃO

Trabalhando há dezesseis anos como pastor na Igreja Presbiteriana do Brasil e tendo, em razão disto, partilhado do processo histórico vivido por essa Igreja e outras do Protestantismo brasileiro nesse período, ora como espectador e algumas vezes como ator diretamente envolvido em suas crises e conflitos, desejo trazer-lhes hoje um testemunho. Falarei pois como alguém envolvido numa disputa, isto é, sem isenção. Além disso, desejo trazer-lhes a visão de alguém que todos os domingos discute Bíblia com uma Comunidade na Escola Dominical e que depois sobe ao púlpito preso a um discurso que quer ver diferente mas que nem sempre as expectativas da congregação permitem. Tenciono pois apresentar-lhes uma leitura tanto da experiência vivida como das leituras feitas de visões de outros que se deram ao trabalho de analisar esse fenômeno multifacético, complexo e de grande incidência na realidade sócio-política e religiosa de nosso País.

Começarei alertando para o fato de que, pela sua própria natureza, não podemos falar de Protestantismo no singular, ainda que características similares atravessem todas as suas Igrejas. Mas é evidente para todos que tenham um mínimo de noção do que se trata que não podemos colocar num mesmo saco o Luteranismo, o Metodismo, o Anglicanismo e o Pentecostalismo. Suas ênfases são mui díspares, suas doutrinas às vezes irreconciliáveis e suas práticas eclesiais muito diferentes. Apenas em termos de generalização e a nível de implicações ideológicas mais amplas é que podemos englobá-los numa única definição. Assim desejo salientar que me ocuparei apenas do protestantismo missionário constituído pelas chamadas Igrejas "históricas", deixando de lado o fenômeno representado pelo protestantismo de imigração, como é o caso particular do Luteranismo, e o Protestantismo Iluminista, para usar a expressão de Emile Leonard, como é o caso do Pentecostalismo. Tentarei olhar um pouco para o processo de Implantação e Desenvolvimento das Igrejas históricas tradicionais para discutir seu imbricamento ideológico com o liberalismo no Brasil republicano-conservador e as conseqüências daí surgidas; e pontualizar alguns aspectos de nova situação criada pela emergência da Igreja popular no Catolicismo dos últimos dez anos. Como observador participante desse processo, espero apreenhar-lhes minha visão que será sem dúvida parcial, porque subjetiva, como todo testemunho.

PROTESTANTISMO BRASILEIRO IDEOLOGICAMENTE MARCADO DESDE O BERÇO

Num ensaio publicado há mais de dez anos (*), Rubem Alves afirma que o Protestantismo chegou à América Latina com possibilidades de exercer funções utópicas, isto é, constituir-se como elemento galvanizador de um processo de transformação revolucionária da sociedade. Mas, ao invés disso, transformou-se numa ideologia modernizadora na medida em que foi incapaz, segundo Alves, de entender dialeticamente a contradição entre Pessoa e Estrutura, interpretando-a simplesmente em termos dualistas.

Aqui é importante observar que a razão desta incapacidade utópica do Protestantismo ao abrasileirar-se deve-se mais que nada, por um lado, aos condicionamentos sociais do Protestantismo norte-americano de quem se originava e, por outro, às relações sociais predominantes no

(*) Función ideológica y posibilidades utópicas del Protestantismo latinoamericano, in De la Iglesia y la Sociedad, Montevideo, Tierra Nueva, 1971.

Brasil e na América Latina como um todo naquele tempo. É evidente que o Protestantismo brasileiro ao consolidar-se passou a comportar-se como portador da ideologia liberal predominante em sua sociedade de origem.

Como expressão do mundo simbólico da sociedade norte-americana, ele representou uma versão ideológica dessa sociedade específica que teria podido atuar como uma "quase utopia" no interior da sociedade brasileira se, nesta sociedade, que se encontrava em estágio inferior de desenvolvimento em relação à sociedade norte-americana, tivesse encontrado condições ideológicas para realizar-se. Pois como se sabe, as utopias para alcançarem uma funcionalidade mínima necessitam ser ideologizadas positivamente. Ou, para dizer de outra forma, as utopias necessitam de mediações ideológicas para se encarnarem historicamente. E este não foi o caso no encontro do Protestantismo com a realidade brasileira. Ele permaneceu como corpo estranho, não assimilável facilmente em meio aos escombros da sociedade colonial brasileira, pois — apesar de todas as transformações sofridas por esta sociedade a partir da segunda metade do século passado — o Protestantismo permaneceu sem pontos de referência ideológicos que lhes permitissem processar o conteúdo utópico de seus valores. O pano de fundo para esse desencontro foi construído pelos diferentes estágios de desenvolvimento em que se encontravam as sociedades brasileiras e norte-americanas. É esta situação que explica a dificuldade de implantação do Protestantismo até o final do século. É somente depois da abolição da escravidão, da proclamação da República e do desenvolvimento da cultura cafeeira que novas condições vão surgir para que a semente do protestantismo deite raízes sólidas no solo brasileiro. Mas então ele já havia perdido seu "élan" inicial e num processo de acomodação à realidade vai funcionar apenas como ideologia modernizadora na medida em que passa a corresponder como aliado aos rebentos ideológico-liberais da pequena parcela das classes dominantes e com isto ganha um lugar ao sol no espectro institucional-religioso do País.

Este fato acontece na medida em que o Brasil entrou no que se convencionou denominar segundo pacto colonial, ou seja, o período no qual a dependência econômica, política e cultural da América Latina se transfere do pólo ibérico para o pólo anglo-saxão. Este novo reordenamento econômico-político do mundo ocidental, apesar de provocar dentro do País uma série de mudanças significativas, não alterou suas estruturas econômicas fundamentais. Ao contrário reforçou, aprimorando-as, as estruturas criadas pelo pacto colonial (ibérico) antecedente.

Ao mesmo tempo a sociedade norte-americana, depois de derrotar na guerra civil a aristocracia agrária do Sul ocupava-se em desenvolver um projeto capitalista. Nesse processo o Protestantismo norte-americano continua sua consolidação como estrutura legitimadora da realidade social, pois como uma expressão do pietismo europeu ele tinha tudo para ser absorvido no complexo sócio-cultural norte-americano na forma de uma versão ideológica do Liberalismo triunfante. No Brasil o domínio do Catolicismo conservador continuava, apesar do surgimento de novas tendências sócio-políticas que se lhe opunham, ao ponto de criar conflitos vários entre a Igreja e o poder dominante. Isto, sem dúvida, abriu brechas favoráveis,

mas nem sempre bem aproveitadas pelas instituições do Protestantismo.

Em meio a um processo complexo, sem maior planificação, e reagindo, na maioria das vezes, na base do esquema de acerto-e-erro, as Igrejas do Protestantismo histórico atuaram sobre a realidade brasileira de maneira indelével, e o campo da educação foi a área preferida por quase todas elas, que assim repetiam o processo vivido por suas matrizes nos Estados Unidos. A introdução de métodos pedagógicos modernos através da implantação de uma enorme rede de instituições educacionais e a ênfase na necessidade de modernização e democratização do País, de acordo com o modelo norte-americano, marcaram a presença do Protestantismo no Brasil.

Ao mesmo tempo, porém, a própria realidade brasileira tão distante e tão diferente da norte-americana impôs limites e atuou sobre as novas Igrejas, impondo-lhes outros ritmos e outras ênfases que também deram a esse Protestantismo nascente características diferentes das de suas matrizes e que — creio eu — ainda não foram levadas muito em conta pelos seus pesquisadores. Nesse processo totalizante, as Igrejas, sôfregas por obterem reconhecimento social, entraram num processo de acomodação à realidade circundante donde perderem seu impulso transformador inicial e lutarem por serem reconhecidas como alternativa ideológico-religiosa ao lado do Catolicismo.

Ao mesmo tempo o sentimento de nacionalidade, crescente dentro da sociedade brasileira, alcançou também as Igrejas que, apesar de dependentes teológica e financeiramente de suas matrizes norte-americanas, começaram a tomar atitudes próprias que as aproximavam dos setores emergentes da sociedade brasileira e que contribuíram, talvez negativamente, para sua acomodação à estrutura social e à arquitetura ideológica dominante que se ia plasmando no País nesse momento.

DO IDEAL À REALIDADE: A QUEBRA DO MODELO

A dinâmica do desenvolvimento histórico não respeita os modelos e as normas estabelecidas pelas teorias analíticas. As análises dos fatos de ontem e de hoje, assim como as perspectivas do amanhã, quase sempre não garantem os modelos propostos.

Na questão que nos interessa, importa destacar que o liberalismo não se desenvolveu na realidade brasileira de acordo com o seu modelo norte-americano, para a frustração consciente ou inconsciente das Igrejas protestantes. O desenvolvimento desigual das diferentes formações da sociedade brasileira (economia, política, religião, moral, etc...) que se encontram então numa relação dialética bastante complexa, conduziu a uma combinação muito especial dentro da sociedade nacional de valores liberais com visões-de-mundo conservadoras (pré-capitalistas). Daí o surgimento de alianças estranhas entre conservadores e liberais no plano político, e da aparição de uma nova compreensão do mundo centrada nessa relação.



Calvino

Isto se deveu, por um lado, ao fato dos grupos dominantes dentro da sociedade brasileira terem sido influenciados e mesmo formados no mundo religioso-cultural tradicional da oligarquia agrária; e, por outro lado, por se deixarem orientar pelas propostas a nível econômico-político impostas pelo liberalismo dominante nos centros de poder do mundo anglo-saxão. Esta situação caracterizou a vida brasileira até as primeiras décadas do século e é uma explicação plausível para a continuidade da velha estrutura agrária do latifúndio lado a lado com a nova situação econômica brasileira e os primeiros esforços sérios de industrialização.

O Protestantismo encontrou pois o terreno fértil para sua implantação e desenvolvimento no momento em que esse processo sócio-econômico se deslança e faz surgir, como fruto das transformações que provoca, um setor médio tanto agrário como urbano, que pela sua própria idiosincrasia se torna sensível a sua proposta ideológico-religiosa. Assim, serão os membros do aparelho estatal, os pequenos proprietários agrários e a pequena burguesia comercial e financeira que comporão a clientela básica das Igrejas protestantes de extração missionária, que visitarão suas escolas e colégios e darão seus filhos para a formação da liderança eclesiástica nativa.

Assim, o poder de atração dos valores do mundo anglo-saxão, mediatizados pelas instituições eclesiásticas protestantes e pela própria dinâmica da sociedade vão influenciar de maneira decisiva as Igrejas protestantes emergentes que, em função dessa visão ideológica da realidade nacional, tenderão, de forma constante, a negar as contradições sócio-políticas e cultural-religiosas da sociedade

brasileira fazendo uma leitura do Evangelho através das lentes reducionistas do liberalismo caboclo. Ou seja, a versão pietista do protestantismo norte-americano encontrou nos setores médios emergentes da sociedade brasileira o seu ponto de referência fundamental uma vez que estes apresentavam uma tendência ideológica similar à que predominava nos centros missionários.

Entretanto — na medida em que o liberalismo, ao entrar na atmosfera social brasileira foi modificado, perdendo seu impulso transformador e metamorfoseou-se numa ideologia conservadora — o Protestantismo, por estar ideologicamente preso a ele, também falhou, transformando-se em sua versão religiosa. A partir de 1930, com as profundas mudanças que começam a ter lugar na sociedade brasileira, novas versões ideológicas se sucedem. A visão liberal-conservadora antecedente se enfraquece e a versão religiosa protestante, por força de sua debilidade como religião minoritária alternativa, se cristaliza, e dá origem ao conservantismo protestante que de modo geral predomina hoje no Brasil.

PROTESTANTISMO E IGREJA POPULAR (CATÓLICA): DESAFIO PARA UMA REIDEOLOGIZAÇÃO POSITIVA?

O processo de reavaliação, revalorização e retorno à realidade eclesiológica protestante vivida por agentes pastorais e intelectuais se dá a partir da descoberta do espaço religioso como espaço de articulação de práticas sociais e políticas. Esta redescoberta foi provocada principalmente pelas modificações ocorridas no catolicismo onde uma nova prática pastoral assimilou e propiciou, assim, o desenvolvimento de novos marcos referenciais à reflexão teológica latino-americana que genericamente podem ser postos sob a rubrica, "Teologia da Libertação".

É um processo que nasce de fora para dentro e atinge reduzidos setores do conjunto das Igrejas protestantes. As experiências nascidas de situações autóctones, isto é, geradas pelo confronto entre realidade social e comunidade religiosa protestante, são poucas e pouco conhecidas. Este é o caso de certos setores da Igreja Luterana que mudaram sua prática pastoral a partir de questionamentos oriundos desde as próprias bases (questão de terra) dessas comunidades, e que ainda não foram suficientemente analisados e investigados.

Entretanto já se esboça um novo discurso teológico dentro do protestantismo que, não obstante, não tem correspondência real com a prática vital das suas comunidades e tende a ser mais um elemento manipulável na luta pelo poder institucional. A formação de vanguardas já se esboça em diferentes Igrejas seguindo outra vez o modelo antigo, isto é, sem a participação e mobilização do "povo" protestante.

Isto posto vejamos alguns elementos que nos parecem fundamentais na realidade protestante e alguns problemas que se colocam para o desenvolvimento de práticas a nível ecumênico, a partir das bases populares de suas Igrejas.

QUESTÕES EXTERNAS DA PRÁTICA PROTESTANTE

Estamos denominando assim aquelas questões que surgem do paralelo consciente ou não consciente feito entre a prática católica das Comunidades Eclesiais de Base e Movimentos populares ligados à Igreja e à prática característica das Igrejas Protestantes. A tendência até agora tem sido a de assinalar convergências e dissidências, elementos positivos e/ou negativos sempre tendo a prática católica como um espelho no qual se procura divisar a imagem do protestantismo brasileiro.

Assim observou-se, por um lado, um certo entusiasmo por parte dos setores protestantes ditos avançados (jovens pastores, estudantes de teologia, pastores remanescentes de grupos ecumênicos da década de 60) para com a "Igreja Popular" que se vai articulando no amplo espectro do Catolicismo Brasileiro, e, por outro, uma atitude de desvalorização global da prática protestante como um todo vis-à-vis à transformação setorial católica (ainda que determinante atualmente dentro do catolicismo. Não nos esqueçamos de que a Instituição Católica fez uma opção preferencial pelos pobres mas que os setores populares ainda estão muito longe de serem abrangentes e determinantes em relação à estrutura de poder vigente na instituição Católica).

Entendemos e concordamos em que o Protestantismo está sendo desafiado em parte pela prática eclesial dos setores populares do Catolicismo e que é, a partir destas novas condensações sociais, as quais se vão cristalizando no marco católico, que as Igrejas protestantes irão definir-se daqui por diante. E isto pelo fato de que a identidade do protestantismo brasileiro se construiu e se consolidou historicamente por oposição à identidade católica, marcando profundamente as comunidades protestantes. Não importa sua cor denominacional. O não levar isto a sério frustrou rotundamente os "ecumenistas" da década de 60. Assim, parece-nos que as análises até agora feitas da prática protestante têm pecado de certa miopia pelo fato de se realizarem através das lentes propiciadas pela "Igreja Popular" católica.

Isto não quer dizer, no entanto, que estas análises não sejam válidas. O que acontece é que estão longe de ser abrangentes da realidade protestante total. Um resultado imediato é que seus autores se vêem impedidos de traçar as pautas concretas de ação capazes de articular o saber e a experiência religiosa com a prática social. Por outro lado se vêem impedidos de redefinir os marcos teóricos de reflexão capazes de refazerem a teologia subjacente do protestantismo. Ao permanecerem nos aspectos meramente externos de uma prática analisada por oposição a outra diferente e contrária, terminam fazendo recomendações utópicas (sentido comum da palavra) na base do: a Igreja **deve** fazer isto, **deve** ser assim ou assado, ou é preciso tal coisa, etc....

Os encontros com pastores de que tenho participado nos últimos anos têm começado a morder, ainda que timidamente, esta problemática. O mundo protestante ainda está por ser descoberto em toda a sua extensão. Temos sido vítimas de um certo reducionismo sociológico e teoló-

gico que nos permite ver a floresta e não as árvores. Mas o verde está longe de ser uniforme...

Para descobrir as madeiras-de-lei se nos impõe daqui por diante uma aproximação mais corajosa às árvores. E isto supõe tratar de conhecer mais de perto as:

QUESTÕES INTERNAS DA PRÁTICA PROTESTANTE

Estas têm que ver diretamente com a necessária, e quase sempre não observada, distinção entre o discurso formal, oficial, tradicional do Protestantismo e a sua prática real disseminada em suas diferentes condensações institucionais. Aquele se funda na formalização estática da eclesiológia missionária que impregnou as Igrejas e lhes ofereceu justificação teórica para sua prática sócio-religiosa; esta emerge do confronto das comunidades protestantes com a realidade social que as envolve. A força institucional, no entanto, impede a manifestação e a articulação teórica das práticas sociais e políticas que longe estão de corresponder ao discurso oficial da Instituição.

Neste contexto é preciso levar em conta alguns dados importantes, tais como:

1. O Protestantismo brasileiro, com poucas exceções, ainda padece de um complexo de inferioridade social, pois é de implantação recente na realidade nacional como acabamos de ver comparado com o Catolicismo, que é mais do que apenas a religião majoritária, pois constitui-se na expressão da religiosidade étnica do povo brasileiro. Nesse contexto o sentimento de defesa do grupo minoritário e sua necessidade de auto-afirmação ainda são dominantes. Pode-se mesmo afirmar que os crentes "ainda não se deram por achados" na sociedade nacional, isto é, já foram aceitos e assimilados pela sociedade, mas ainda não estão plenamente conscientes e seguros disso.

2. A dimensão política da prática e do discurso protestante tradicional esvaziou-se no momento em que a sociedade brasileira sofreu o impacto transformador do processo de industrialização e urbanização. A proposta liberal-burguesa que se aninhava no interior do discurso teológico protestante tradicional, entretanto, não avançou, cristalizando-se em formulações teológico-políticas rígidas exigidas tanto pelo condicionamento apontado no item anterior, como porque respondia à visão-de-mundo dos setores médios predominantes até 1964 (?) nos centros de poder de suas Igrejas.

A necessidade de auto-afirmação tanto a nível de classe insegura quanto a nível de grupo minoritário, que exige sempre maior coesão interna e disciplina para afrontar a realidade externa hostil, impediu o diálogo e a discussão provocados pela dinâmica gerada por práticas sociais dissonantes de novos grupos que eram conquistados pelas Igrejas. Em lugar disso predominou a repressão como instrumento de defesa. Por outro lado, as novas gerações sentindo o descompasso das Igrejas com a vivência social que experimentavam, ao fugir dessa repressão, abandonaram as mesmas Igrejas.



John Wesley, por George Romney.

3. A partir dos anos 60 com o novo ordenamento econômico, social e político do País imposto por uma nova divisão internacional do trabalho, os setores da média e baixa classe média que compunham a clientela da maioria das Igrejas protestantes sofreram um violento processo de pauperização. Isto teve conseqüências drásticas na reformulação do universo teológico do protestantismo tradicional. Uma teologia não-escrita nem codificada passou a ser articulada tomando de empréstimo as ênfases do Pentecostalismo e do Protestantismo conservador norte-americano que esteve na raiz das missões protestantes que aqui chegaram no final do século passado. Cumpre destacar que, neste processo, os programas de rádio ditos evangélicos desempenharam e desempenham ainda um importante papel de homogeneização do discurso protestante, sendo responsáveis em grande parcela pelo estabelecimento de um denominador comum teológico/ideológico a partir de então.

4. Esta teologia levou ao paroxismo, à esquizofrenia latente entre Igreja e Sociedade, mutilando os valores teológicos ainda formalmente presentes nas definições das diversas Igrejas. A visão teológico-política da realidade passou a substituir a esta que então foi relegada ao Reino de Satanás e do Anticristo.

5. O surgimento da proposta ecumênica, especialmente nos anos 60, aprofundou ainda mais a brecha, pois esta foi operacionalizada pelos setores intelectuais-liberais, marginais da vida da Igreja, os quais cada vez mais se foram caracterizando por um tônus anti-intelectualista.

6. Nesse processo, três elementos fundamentais da teologia protestante foram mutilados, descontextualizados e interpretados no marco de Igrejas voltadas sobre si mesmas, desligadas da cultura e dos reais problemas nacionais e submetidas, pela força das circunstâncias históricas de seu desenvolvimento, à ideologia dominante na sociedade. Estes elementos foram:

- a) A necessidade da conversão e a construção do homem novo;
- b) O princípio da responsabilidade de todos na construção do sagrado e da operacionalização de suas incidências na vida sócio-política que se fundamenta no princípio reformado (Reforma do século XVI) do sacerdócio universal de todos os crentes;
- c) O papel central da Bíblia na formação da piedade individual e como crivo para julgamento contínuo da prática de vida do fiel e da Comunidade cristã.

Estes princípios, mutilados em sua dimensão sócio-política, foram reduzidos para caber nos limites estreitos do moralismo individual, da piedade pessoal sem conseqüência ética e da visão social liberal.

7. Os elementos até aqui rapidamente apontados transformaram as Igrejas protestantes numa espécie de subcultura religiosa com enorme capacidade de contenção do potencial de transformação social dos setores por elas atingidos.

8. Cada vez mais a falta de respostas convincentes aos problemas gerados pela expansão dos conflitos sociais está colocando o protestantismo tradicional sob a influência progressiva e determinante do Pentecostalismo. Entretanto não se trata de uma subjugação pura e simples de uma expressão do Protestantismo por outra considerada mais "autóctone" e mais "popular". O Pentecostalismo também recebeu e recebe forte influência das Igrejas protestantes tradicionais, e o resultado deste encontro que já começa a ter visibilidade social é uma espécie de implosão teológica conhecida nos meios protestantes como Movimento Carismático que atravessa as barreiras denominacionais e que determinará, ao que parece, a identidade protestante nacional em futuro bem próximo.

9. Entretanto a visão geral aqui esquematizada não é totalizante. Na verdade não são as Comunidades de Base da Igreja Católica e os movimentos delas oriundos que estão criando situações anômalas no quadro geral do Protestantismo. São as próprias condições históricas das lutas populares que estão colocando questões para os setores mais empobrecidos de suas Igrejas. E estes estão reagindo e justificando sua participação no processo de mobilização e organização populares com os elementos mais positivos de sua prática religiosa. É verdade que num ritmo muito diferente e num tipo de prática que nem sempre está abertamente ligada a sua vivência religiosa. Pelo menos aparentemente. A Bíblia, porém, começa a ser lida também em comunidades protestantes periféricas a partir da experiência de opressão e sofrimento. Já são numerosas (proporcionalmente, é claro) as comunidades protestantes que começam, por força da própria situação histórica que vivem seus membros, a questionar o receituário doutrinário-moralista desligado da realidade concreta que estão vivendo. Neste processo é que já se começa a **vislumbrar** um novo enfoque do ecumenismo, e assim pode-se dizer que uma nova elaboração ideológica começa a tomar corpo dentro do Protestantismo recuperando suas vertentes utópico-libertadoras que poderão recolocá-lo dentro de sua melhor tradição. Mas, diante do esforço que isto significa ante os enormes obstáculos institucionais, fica a pergunta: Será que ainda há tempo?

DECLARAÇÃO DOS PRESIDENTES DO CONSELHO MUNDIAL DAS IGREJAS PELOS 1.600 ANOS DO CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA

*"Cremos no Espírito Santo, que é
Senhor e que vivifica"*

(Credo Niceno-constantinopolitano)

Em todos os tempos os cristãos anunciaram a sua confiança no presente e no poder de Deus, cujo espírito opera na Igreja e no mundo. Isto sempre se torna especialmente claro quando em Pentecostes comemoramos a dádiva do Espírito Santo.

A fé dos cristãos no Espírito Santo é parte inseparável do seu conteúdo de fé, expresso no ano de 381, no II Concílio de Constantinopla, e que ficou conhecido como o Credo Niceno-constantinopolitano.

Neste ano de 1981, comemoramos 1.600 anos deste importante acontecimento, determinante para a vida da Igreja Universal. Cristãos em todo o mundo haverão de atender com alegria ao convite do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla e de expressar a sua gratidão pelo interminável poder do Espírito Santo.

Expressamos nossa convicção de que tanto o conteúdo deste velho

credo da Igreja Cristã, como também a comunhão que aquele Concílio Ecumênico proporcionou, são de grande importância para o nosso culto e testemunho em todos os tempos.

Por meio de nossa confissão de fé no Trino Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, permanecemos com o nosso culto de hoje na tradição da Igreja do Novo Testamento. Adoramos e glorificamos o Espírito Santo juntamente com o Pai e o Filho. É a pessoa do Espírito Santo que renova a vida, quando clareia nossa mente e preenche nosso coração. O Espírito Santo é por isso elemento essencial da ação salvífica de Deus. O Senhor Jesus Cristo prometeu aos cristãos que seriam conduzidos a toda a verdade, "quando vier o Espírito da verdade" (João 16.3). E às fiéis testemunhas Ele disse: "Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo" (Atos 1.8).

O Credo Niceno-constantinopolitano é a confissão de fé mais usada pelos cristãos em todos os tempos. Serve como fundamento da unidade dos cristãos e é indubitavelmente uma pedra de toque para o movimento ecumênico. A doutrina da Trindade, expressa nesse credo, é a mais importante expressão de fé do Cristianismo. No decorrer da história do Cristianismo, entretanto, foram surgindo diferentes opiniões a respeito da formulação exa-

ta de uma das sentenças deste credo. Isto levou à separação dos cristãos de tradição oriental.

Com gratidão podemos constatar hoje que nossos esforços por uma reconciliação destas duas grandes comunidades cristãs, do Ocidente e do Oriente, vêm sendo gradativamente coroados de êxito, através de uma aproximação teológica, e isso a tal ponto que podemos confessar a fé apostólica a uma só voz, preenchendo assim nossa responsabilidade conjunta de tornarmos cada vez mais visível a unidade da Igreja de Cristo.

O II Concílio Ecumênico não é somente um acontecimento histórico, mas serve igualmente aos cristãos de hoje como fonte de inspiração. Conduzidos pelo Espírito Santo puderam aqueles conciliares resolver os conflitos e tensões, testemunhar a verdade do Evangelho e rechaçar heresias com veemência. Presença e testemunho do Espírito Santo conduziram os cristãos à comunhão conciliar na razão sacerdotal de Jesus Cristo: "Santifica-os na verdade, a tua palavra é a verdade" (João 17.17).

Baseados neste firme fundamento, damos expressão de nossa própria decisão de crescermos conjuntamente em plena comunhão, que não é somente um sonho utópico, pois nosso testemunho comum pressupõe a plena realização de

nossa unidade em Cristo. Quanto mais os cristãos puderem crescer juntos na comunhão em Cristo, tanto mais esperança poderão transmitir a um mundo perigosamente dividido. Simultaneamente, o Espírito Santo capacita os cristãos a testemunharem a verdade do Evangelho nas lutas deste mundo contra a miséria, a injustiça e a opressão.

Neste dia de Pentecostes de 1981, clamamos ao Espírito Santo da vida, para que nos situe de tal forma que testemunhemos o credo apostólico de maneira mais convicta, fazendo como uma comunidade que testemunha sobre a Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja, que vive no mundo e para o mundo.

Assinam os Presidentes do Conselho Mundial da Igreja:

Presidente de Honra: Pastor Dr. W. A. Visser't Hoff. Genebra (Suíça)

Khatolikos Ilja II, Patriarca de toda Georgia (República Soc. Sov. Georgia)

Juiza A. R. Jjagge, Akkra (Chana) Professor José Miguez-Bonino, Buenos Aires (Argentina)

Dr. T. B. Simatupang, Jakarta-Pusat (Indonésia)

Arcebispo Olof Sundby, Uppsala (Suécia)

Dra. Cunthia Wedel, Alexandria (USA)

DOURADOS CONTRA USINA NO PANTANAL

A exemplo de outros segmentos, entidades e associações locais e solidárias à não implantação da Usina de Álcool no Pantanal Mato-grossense, a Igreja Metodista em Dourados manifestou-se, através dos órgãos de imprensa, contrária à implantação do Projeto Bodoquena, que virá exterminar com o Pantanal do Sul de Mato Grosso, considerado a maior reserva ecológica do mundo.

Em entrevista ao jornal "O Progresso", o Rev. Getro da Silva Camargo, pastor metodista e superintendente distrital, afirmou: "Não posso calar-me diante do que se pretende implantar em nosso Estado, uma indústria que exterminará aquilo que hoje é belo, cantado em versos: nossa flora, nossa fauna; exterminação esta em nome de um progresso egoísta, falso. Isso não passa de uma afronta ao nosso Criador. Se a Usina for implantada, podemos desde já dar adeus aos peixes e animais, ao que no

futuro poderá ser um dos mais belos pontos turísticos, bem como o abastecimento da mesa dos brasileiros. E no lugar, com o adeus a tudo isso, apenas o poluidor vinhoto a destruir esta inigualável reserva natural que temos no Pantanal".

DOIS ANOS PARA O PADRE VELOSO

O Conselho Permanente de Justiça da Marinha da 7ª Circunscrição Judiciária Militar condenou em Recife (PE), por unanimidade de votos, o padre José Reginaldo Veloso de Araújo a dois anos de reclusão considerando-o culpado da acusação de fazer propaganda subversiva injuriando os ministros do Supremo Tribunal Federal ao compor o hino "Vito, Vito, Vitória". Depois da leitura da sentença, o pároco do subúrbio recifense do Morro da Conceição foi colocado em liberdade, beneficiado pelo artigo 527 do Código de Processo Penal por ser primário, enquanto aguarda julgamento da apelação ao Superior Tribunal Militar.



Padre Reginaldo canta "Vito, vitória" com sua comunidade.

CASALDÁLIGA RESPONDE

Carta-resposta de D. Pedro Casaldáliga sobre as acusações recebidas após seu pronunciamento no Rio Grande do Sul.

Nestes últimos dias, surgiram bastantes comentários em torno de minha pessoa, por causa de três assuntos que abordei publicamente em Porto Alegre, a pedido da imprensa:

- As fitas cassete "Un tal Jesus"
- A Política partidária
- A nova ameaça de minha expulsão.

Naturalmente, a imprensa diária, que trabalha no voo da pressa, nem sempre tem condições de ser fielmente exata. E não falta na imprensa aquele setor de má vontade que arrasta o voo e a verdade pelo chão.

1. Quanto às *fitas cassete* "Un tal Jesus", a revista VEJA — 24 de junho de 81 — apresenta totalmente distorcidas minhas declarações. Em primeiro lugar, eu fiz questão de que se distinguisse claramente entre as fitas e as Comunidades de Base, toda vez que alguém está interessado em persegui-las simultaneamente.

Disse que não conheço as fitas. Sabia muito bem que foram produzidas em espanhol, mesmo vindas da Alemanha, e citei inclusive alguma expressão espanhola das mesmas. Baseado em informação de quem as conhece, destaquei o seu valor técnico e outros inegáveis valores de comunicação. Entretanto, destaquei também explicitamente a parcialidade com que apresentam o Senhor Jesus como apenas humano, como revolucionário mais diretamente.

Insisti em que se entendesse que não são esses cento e quarenta cassetes que nossas Comunidades vão usar. Essas Comunidades têm dois cassetes de uso próprio e habitual: O Evangelho procurado com amor; e a Realidade duramente vivida. (Alguém acrescentou a esse meu comentário "o cacete" da incompreensão ou da repressão que cai sobre as CEBs, vindo de fora ou de dentro).

Ainda lembrei a declaração oportunamente discreta de Dom Luciano Mendes, secretário geral da CNBB, com a qual evidentemente ele pretendia desmanchar, em torno das faladas fitas, tanto o alarme quanto a publicidade.

(Um parêntese ainda: No mesmo dia de minha chegada a Porto Alegre, falei pelo telefone com o Cardeal Dom Vicente Scherer, cordialmente aliás, e lhe comuniquei o motivo de minha viagem ao Sul. E me encontrei com vários colegas bispos, no Rio Grande, em Santa Catarina e no Paraná).



Pedro Casaldáliga, o bispo seguro e claro nas suas críticas ao poder.

2. Quanto à *Política partidária*, apenas repeti, numa coletiva com a imprensa, em Porto Alegre, o que a Equipe Pastoral da Prelazia de São Félix do Araguaia publicou num folheto, entregue em fevereiro último a muitos bispos presentes à Assembléia de Itaici e entregue também à opinião pública. A chamada grande imprensa o publicou na íntegra. Leia-se integralmente o texto, com seus argumentos e também com sua realista modéstia nas afirmações. Ninguém pretendia falar em nome da Igreja. Apenas, o texto e eu falamos, livremente e sendo Igreja, isso sim, dentro de um pluralismo — aliado ao compromisso — que entre todos devemos construir.

Não pretendo ressuscitar velhos clericalismos eleitoreiros, que condeno. Entretanto, sinto, em consciência pastoral, que um bispo pode e deve ser concreto na moral política — tão mais abrangente da vida humana — como é concreto na moral sexual ou profissional.

Nem recomendei um partido, nem mesmo ainda algum político, nem excomunguei ninguém; práticas infelizmente exercidas pela Igreja muitas vezes. Bastaria lembrar a Igreja italiana — à sombra do próprio Vaticano — no que se refere à Democracia Cristã, e nossa Igreja no Brasil lá pelos anos 50, com a Liga Eleitoral Católica (LEC). Nem aconselhei nem condenei os partidos comunistas, pela simples razão de que ninguém terá a oportunidade de votar neles neste Brasil de 1982. E é dentro deste contexto brasileiro que eu estou vivendo e falando. Desaconselho, por convicção evangélica e política, os partidos que estão a serviço de um Sistema, que eu considero simplesmente anti-humano. Sei muito bem, e tenho dito repetidamente, que a Política não é toda a vida humana e que todo partido político é um instrumento parcial e

transitório na transformação que eu, como muitos irmãos, esperamos e faremos, Deus ajudando. Tenho destacado muitas vezes as limitações desses nossos partidos "populares", por causa da própria conjuntura em que nasceram. Mas faço questão de repetir que a Política — na fase atual da Sociedade — se exerce normalmente por meio das agremiações e atuações partidárias.

E a Igreja — que é o Povo de Deus todo, não apenas os bispos e os padres — pertence ao Povo dos Homens, que devem fazer política, e política concreta, para transformar este mundo que Deus nos entregou novo e que, entre todos, egoístas, estamos acabando por deixar velho e sem porteira...

Tenho dito muitas vezes, que na atual conjuntura sócio-eclesial, normalmente falando, um bispo ou um padre não deverão assumir cargo político. Pedir isso também dos agentes de Pastoral leigos, seria — a meu ver, respeitando parecer contrário e esperando que se respeite o meu — exigir de um contingente de cristãos, cada dia mais numeroso, que se fechasse em "getho" e renunciassem a sua condição evangélica de fermento na massa.

A divisão não se criará, em última instância, dentro das comunidades por uma ou outra opção partidária de seus membros, mas pela divisão "sistemática" de interesses — o bem comum ou a acumulação egoísta — que permeiam a Humanidade, fora e dentro da Igreja peregrina.

O documento de nossa Prelazia explicita claramente — e eu tenho repetido isto com insistência — que, mesmo defendendo uma posição de claro compromisso em Política, somos contrários a fazer das

Comunidades de Base, bases partidárias. (O que já é um bom passo de superação do clericalismo, se olharmos para as práticas a que antes aludi.)

Ainda, e para terminar, a Evangelização, para mim, também abrange o compromisso político da vida dos cristãos. Com mais ou menos acerto, e sabendo sobejamente que não serei assim interpretado, nem talvez por colegas muito caros, pretendo apenas, nisso também, evangelizar.

3. Quanto a renovada *ameaça de minha expulsão*... sem comentários, como se diz nas charges que já falam pelo desenho. Essa pretendida expulsão não seria, evidentemente, pelas declarações que fiz em Porto Alegre. Há vários anos que me pretendem expulsar do Brasil, o Latifúndio cada vez mais estrangeiro, a Segurança repressiva e o medo egoísta de alguns privilegiados. Todos eles fatores da vergonhosa expulsão que o Povo do Brasil vem sofrendo: expulso da terra, expulso do salário, expulso da saúde, expulso da livre participação social, sindical, política.

Penso, sempre, que um pastor de um Povo expulso, muito logicamente — na lógica do Evangelho — corre o risco de ser expulso, com o Povo, pelo mesmos poderes desumanos.

Agradeço, nesta hora, a solidariedade de muitas Comunidades e de muitos amigos, como também a liberdade com que opinaram contrariamente a mim, inclusive alguns colegas bispos.

O Espírito de Jesus nos leve, corajosos e livres, pelo caminho, que se faz... caminhando, como diz o poeta.

Pedro Casaldáliga
24 de junho de 1981
São João Batista.

DOENÇAS SÃO COMUNS ENTRE OS VIDREIROS

Eles trabalham em ambientes onde o calor ultrapassa os quarenta graus, respiram durante mais de oito horas por dia, partículas de elementos químicos nocivos à saúde — como sílica, óxido de ferro e arsênico — e não têm equipamentos adequados para se proteger. Resultado: cerca de nove mil, dos trinta mil vidreiros do Estado de São Paulo, estão doentes. A informação é do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Vidros, Cristais e Espelhos no Estado de São Paulo que revela: devido à insalubridade do local do trabalho, eles sofrem principalmente de doenças pulmonares e de pele. O pior é que boa parte desses trabalhadores é formada por crianças (30% da categoria, ou seja: nove mil têm menos de 18 anos), mais suscetíveis às doenças que os adultos e que, além de tudo,

ainda segundo denúncia do Sindicato, vêm sendo em sua maioria explorados por patrões inescrupulosos que não lhes pagam aquilo a que têm direito e os empregam sem registrar. Vítimas de uma legislação permissiva, do descaso do Governo — que, além da fiscalização ineficiente, não dispõe nem de equipamentos para verificar a toxicidade do local de trabalho —, e da ganância de certos empresários — que querem ganhar mais, sempre, mesmo que isso implique a perda da saúde de seus funcionários —, os vidreiros, de acordo com o Sindicato, e principalmente os menores, vêm sendo mais explorados em pequenas indústrias que utilizam o processo manual (artesanal) de fabricação — nas quais o vidreiro molda as peças com a força de seus pulmões — onde, aliás, estão empregados 50% da categoria.

TERRA PARA TODOS É O TEMA DE IECLB PARA 1982

"Terra de Deus, Terra para Todos", será o tema de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IECLB, para 1982. O tema foi escolhido durante a reunião do Conselho Diretor da Igreja, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no fim de semana passado, final de junho.

O tema bíblico que orienta a escolha do tema do ano é o Salmo 24.1, que diz: "Ao Senhor pertence a terra, o universo e tudo o que nele existe". Com este tema, a IECLB pretende levantar a discussão sobre a questão fundiária em todas as suas comunidades espalhadas por todo o País, visando a conscientização de todos os seus membros e a busca de soluções concretas para o problema que, apenas no Estado do Rio Grande do Sul, já deixa quase duzentas mil famílias, cerca de um milhão de pessoas, sem terra.

O Conselho Diretor da IECLB também entende que o compromisso da Igreja não se esgota ao acompanhar seus membros para novas áreas de colonização, pois vê que, ao mesmo tempo em que isto acontece, vai aumentando nas regiões Sul e Sudeste do País, o número de famílias desalojadas da terra, em proporções bem mais altas do que aquelas que emigram para o Norte.

Além disso, dois fatos verificados este ano determinaram também a escolha do tema "terra" para o próximo ano: o envolvimento direto da IECLB nos últimos fatos de grande repercussão envolvendo terras e colonos — em Ronda Alta, no Rio Grande do Sul, onde cerca de quinhentas famílias estão acampadas à beira da estrada, pedindo ao governo crédito fundiário para adquirir terras onde possam produzir e sustentar-se; e, no acampamento dos colonos, em Foz de Iguaçu, que terão suas terras desapropriadas para formação do lago que vai gerar energia elétrica para a Itaipu Binacional. Estes dois acontecimentos foram também decisivos, mostrando que existe uma necessidade muito grande de refletir em todas as comunidades luteranas brasileiras o problema fundiário, comum a todas as regiões do País, para que seja levado o apoio cristão à organização das famílias sem terra e àqueles que vivem os graves problemas da legalização das terras que ocupam há anos.

A IECLB é integrada por mil duzentas e noventa e três comunidades dentro do Brasil, contando com cerca de oitocentos mil membros, dos quais quarenta e cinco por cento vivem no campo.

A área territorial do Brasil, subtraindo-se a área das águas interiores é de 845.650.800 hectares. E, segundo o Cadastro Nacional

do Instituto de Colonização e Reforma Agrária, INCRA, em 1978, eram os seguintes os percentuais de ocupação destas terras: lavouras — 68.377.753 hectares, perfazendo 16,76 por cento; pastagens — 100.713.454 hectares, 24,7 por cento; matas — 57.798.410 hectares, 14,17 por cento; área aproveitável — 31.722.201 hectares, 7,77 por cento; área aproveitável não explorada — 149.151.122 hectares, correspondentes a 36,6 por cento.

Deste número total, a área ocupada pelo minifúndio no Brasil chega a apenas 12,5 por cento e, a área explorada pelas empresas rurais e latifúndios atinge a 87,5 por cento. Portanto, a terra brasileira de minifúndio ocupa 50.970.250 hectares, enquanto empresas rurais e latifúndios ocupam um total de 356.791.750 hectares.

Em 1975, o Censo Agropecuário do País apresentava o seguinte quadro da participação de imóveis com área inferior a 50 hectares (minifúndio) na produção brasileira: 44 por cento dos produtos básicos da alimentação; 38 por cento dos produtos de transformação industrial; 43 por cento dos produtos hortifrutícolas; 40 por cento dos animais de tração; 58 por cento do feijão; 53 por cento do milho; 45 por cento do café; 36 por cento do trigo; 32 por cento do algodão; 24 por cento do arroz; e 12 por cento da cana de açúcar.

PASTORES E PADRES ENVIAM CARTA AO GOVERNADOR DO RIO GRANDE DO SUL SOBRE A QUESTÃO DA TERRA EM RONDA ALTA.

Numa atitude profundamente ecumênica onde evidenciam que diante de situações concretas as diferenças teológicas são superadas, pastores e padres do Rio Grande do Sul enviaram uma carta ao governador do Estado do Rio Grande do Sul. A íntegra da carta é a seguinte:

Estamos acompanhando com interesse e apreensão o drama das famílias de agricultores sem terra, acampados há várias semanas no Município de Ronda Alta. Trata-se de um dos sintomas de um mal maior e mais profundo, que resulta de uma intencionada política de concentração de propriedades fundiárias, cujos reflexos sentimos também em nossa comunidade. Segundo dados oficiais, existem em nosso próprio Município cerca de quatro mil famílias sem terra, de forma que as famílias acampadas em Encruzilhada Natalino não espelham uma realidade local, e sim, de vários outros Municípios do Estado, onde mais de cem mil famílias são vítimas do mesmo sistema.

Estranhamos a lentidão e inoperância com que as reivindicações dos colonos estão sendo encaminhadas por Vossa Excelência, que seguramente conhece a grande extensão de latifúndios improdutivos, que poderiam ser desapropriados para o assentamento dessas famílias e de outras tantas em iguais condições.

Animados pela fraternidade cristã, que nos ensina a repartir os nossos bens, tendo como critério as necessidades das pessoas, as comunidades cristãs de Canguçu resolveram expressar sua solidariedade aos colonos acampados, e interceder junto a Vossa Excelência, a fim de que essas famílias trabalhadoras recebam a solicitada terra em nosso Estado, pois segundo o espírito do próprio Estatuto da Terra, esta deve ser entregue a quem dela precisa e nela quer trabalhar.

Reg. Argeu Moraes de Souza — Igreja Episcopal
Rev. Herbert W. — Igreja Ev. Luterana do Brasil — IELB
Rev. E. Zügel — Igreja Ev. Luterana do Brasil — IELB
Pastor Verner H. — Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil — IECLB
Padre Ari Lazzarotto — Igreja Católica
Padre Estêvão Ricardo Echer — Igreja Católica
Padre João Carlos Ritter — Igreja Católica
Rev. Sezefredo Protzen — Igreja Luterana Independente



"Continuamos até o fim..."

Uma pausa para o descanso que restaura a força para continuar.

CONIC POSICIONA-SE CONTRA LEGALIZAÇÃO DO JOGO NO BRASIL

Em mensagem dirigida ao Presidente da República logo após a reunião mantida em Porto Alegre, dia 3 de junho, os dirigentes das cinco denominações que formam o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs se posicionaram contra a legalização do jogo no Brasil.

"O jogo explora a fraqueza humana" diz o telex enviado a Figueiredo. Os dirigentes de Igrejas discordam também do argumento de que "o jogo poderá proporcionar trabalho a desempregados" e prover assistência a crianças necessitadas. A missiva reza, na íntegra:

"Nós, os dirigentes nacionais das cinco Igrejas Cristãs que compõem o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, CONIC, a saber, Igreja Católica Romana (Dom Ivo Lorscheiter, Presidente da CNBB), Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (Presidente em exercício, Dr. Gottfried Braemeier), Igreja Episcopal do Brasil (Bispo Arthur Kratz), Igreja Metodista do Brasil (Bispo Sady Machado da Silva) e Igreja Cristã Reformada (Presidente Pastor Janos Apostol), manifestamos, por este intermédio e em nome das Igrejas e Comunidades cristãs que representamos, nossa posição contrária à legalização do jogo no Brasil.

"Baseados no Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, estamos convictos dos prejuízos morais e sociais

que o jogo traz consigo, uma vez que, indubitavelmente, conduz a uma inversão de valores em nosso meio. Do ponto de vista bíblico e cristão, o trabalho e toda a atividade humana não objetiva a exploração, o fácil enriquecimento pelo acaso, mas em atividade que o homem é capaz de exercer por força e dádiva de Deus, e que visa sempre o bem-estar de toda a criação e de todas as criaturas de Deus. O jogo explora a fraqueza humana e a sua tendência de ganhar a vida de modo fácil, e sobretudo egoísta, pode induzir honrados e respeitáveis pais de família a caminhos e valores irresponsáveis perante esposa e filhos.

"Assim, discordamos da argumentação que se ouve com frequência, de que o jogo poderá proporcionar trabalho a desempregados, ou auxiliar, através de taxação, a crianças necessitadas. Temos certeza de que não será este o caminho da redenção de milhares de menores carentes em nosso país, e tampouco colaborará para uma mais justa e tão necessária distribuição de renda entre o nosso povo.

"Confiamos em Deus, e rogando que Ele oriente Vossa Excelência para que tome decisão justa e benéfica para todo o povo brasileiro.

Firmamo-nos atentamente"

Assinam os cinco representantes de Igrejas.

D. IVO ACHA LUTA ARMADA VIÁVEL EM CASOS EXTREMOS

Apesar de dizer que defende até o fim a não violência, o presidente da CNBB, D. Ivo Lorscheiter, em palestra, no encerramento do seminário Pessoa, Justiça, Liberdade e Propriedade, promovido pela Frente Agrária Gaúcha (FAG), admitiu que "em casos extremos a única solução para a conquista de mudanças sociais mais justas é a luta armada, e a Igreja deve aceitar esta situação como inevitável". Na sua opinião, para que a Igreja atinja seus objetivos de promoção integral do homem e da sociedade, o clero "não pode ficar de braços cruzados, na santa paz de Deus, à espera de que as coisas aconteçam. Precisa ser combativo, mas sem incentivar atos violentos". Completou que os trabalhadores, quando esgotados todos os recursos para atendimento de suas reivindicações "devem-se organizar e promover greve, que é uma forma aceitável de contestação". Ao definir como "um monstro" a Lei de Segurança Nacional, em entrevista após a palestra aos oitenta trabalhadores rurais, no seminário promovido pela FAG (órgão de assessoramento à Regional Sul da CNBB), D. Ivo

Lorscheiter destacou que "é preciso haver segurança nacional, mas a Lei de Segurança Nacional jamais deve ser a prioridade de número um do Governo".

TERRA RECUPERADA POR CRENAQUES, AMEAÇADA POR FAZENDEIRO

Um grupo de trinta remanescentes dos índios Crenaques, de Minas Gerais, que em maio do ano passado voltou às terras de onde haviam sido transferidos em 1972, pela FUNAI, está novamente ameaçado de expulsão por um fazendeiro, que move uma "ação de manutenção de posse" contra os indígenas, acusando-os de terem invadido sua propriedade. A denúncia foi feita, em Belo Horizonte, pelo Grupo de Estudos Indígenas — CREQUI — que informou estarem os índios ameaçados de perder a ação porque só podem ser representados na Justiça pela FUNAI, que detém sua tutela. Os dirigentes do CREQUI não souberam dizer se a FUNAI já tomou alguma providência em defesa dos índios, embora a ação tenha dado entrada em 14 de novembro do ano passado, movida pelo fazendeiro Balbino Laignier de Lacerda.



IGREJA PROTEGE POSSEIROS

O Grupo Adela está vendendo a Fazenda Laranjeiras, em Trindade, para a Cobrasinco, "sem assumir qualquer compromisso para que sejam respeitados os direitos dos posseiros que vivem na região e vêm sendo expulsos da área desde 1973", denunciou o secretário do Fundo Samuel da Igreja Evangélica Reformada, Josef Schonmaker.

As Igrejas Reformadas da Holanda escolheram o Fundo Samuel para intermediário nas negociações entre posseiros e os acionistas holandeses do Grupo Adela. Os posseiros reivindicam que, antes da venda, seja assinado um "protocolo de intenções" de modo a garantir seus direitos na área.

O Sr. Schonmaker enviou mais uma carta ao Secretariado para Cooperação em Desenvolvimento das Igrejas Reformadas da Holanda, renovando o apelo para que a entidade interceda com os acionistas holandeses do Grupo Adela a fim de assegurar a permanência dos posseiros, com garantias.

As cinquenta famílias de posseiros que ainda vivem na região escreveram também à entidade, pedindo novo apoio. Ao mesmo tempo estão sendo feitos novos contatos com Igrejas do Canadá e dos Estados Unidos, para que elas ampliem a faixa de atuação entre acionistas. O grupo tem duzentos e vinte e três acionistas em vinte e três países. Um representante dos posseiros, Sr. Abílio Alapenha Filho, viajará para a Holanda, onde tentará negociar uma solução.

TERRA EXCEDENTE É REIVINDICADA POR BÓIAS-FRIAS

Cerca de duzentos "bóias-frias" reuniram-se na Igreja Jesus Bom Pastor, em Andradina (SP), reivindicando do INCRA a posse de terras excedentes da gleba de cinco mil alqueires da Fazenda Primavera. A fazenda foi desapropriada pelo Governo federal em junho do ano passado e dividida em pequenos lotes, distribuídos a trezentas famílias de posseiros que disputavam com o empresário J. J. Abdala a posse da área. Esses "bóias-frias" — que vivem na periferia das cidades de Castilho, Andradina, Muritinga do Sul, Nova Independência e Pereira Barreto — não têm o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Andradina. Esse argumento não sensibiliza os trabalhadores volantes, que prometem reunir-se todos os fins de semana, "até encontrar uma fórmula de convencer o Governo a distribuir a área excedente da fazenda", que eles acreditam ser superior a mil alqueires. Os "bóias-frias" informam que receberam carta da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (FETAESP), apoiando o movimento. A maioria dos "bóias-frias" que reivindicam terras excedentes da Fazenda Primavera é constituída de famílias despejadas da Fazenda Santa Adélia, no Município de Pereira Barreto, onde vivem há vinte anos, cultivando arroz.

HISTÓRIA DA REFORMA PROTESTANTE OU O MONGE MARTINHO LUTERO

Robson Rodrigues

Seminarista
Congregação Presbiteriana de São Lourenço

Em 1983 estará sendo comemorado o 500º aniversário de Lutero.

Martinho Lutero não é mais considerado, como outrora, o herege, o insubordinado, que teria pregado uma Igreja independente de Roma. Cresce continuamente o interesse pelo conhecimento da vida e obra do Reformador, e não só entre as denominações protestantes.

Prestem bem atenção
Na história que eu vou contar.
Aconteceu há muitos anos atrás,
Num distante lugar,
Quando a Igreja não servia a Deus,
Mas servia a Satanás.

A Igreja que eu falo
Era os padres, bispos e cardeais,
Que junto com o Papa
A Deus não servia mais.

Que todos possam entender,
Isso é o que eu espero.
Esta história fala de um monge
Chamado Martinho Lutero.

Era homem de vida devota
E também muito sincero.
Quando saiu do Seminário
Queria cumprir bem seu ministério.

Isto aconteceu
Lá pelo século dezesseis.
A Igreja não estava mais
Como na época que Deus a fez.

Sempre cobrava dinheiro
Pra perdoar os fiéis,
Que sem pensarem duas vezes,
Davam até valiosos anéis.

Não precisava ser dinheiro,
Podia ser qualquer outro bem,
Desde que a eles entregassem,
Diziam logo: “amém”.

Que esta publicação possa contribuir como uma alternativa para esse povo, tão carente de leitura religiosa a ele adaptada.

Importante seria se o povo das Igrejas evangélicas — em sua maioria simples, não dado ao estudo de grandes literaturas — pudesse tomar conhecimento de um pouco de sua história, através de uma literatura como esta, simples, direta, bem ao gosto do povo.

A coisa acontecia assim:
Quem tinha seus pecados
Queria ser perdoado.
Para isso dava alguns trocados.

De acordo com o pecado,
Pequenino ou grandão,
O fiel estava obrigado
A pagar uma porção.

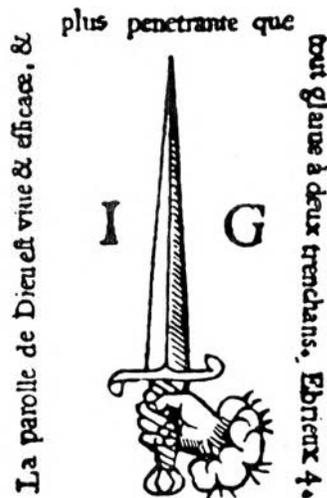
A Igreja ensinava
Que pecador era réu.
Só pagando indulgência
Conseguia um lugar no céu.

Indulgência, era a venda de perdão.
Perdão para o pecador.
Coisa que só quem pode fazer
É Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Mas a Igreja não pensava assim.
Vendia a tal indulgência,
Pois naquele tempo ela vivia
Debaixo da sua influência.

O povo em tudo acreditava.
Era cheio de superstição.
Mas era um povo que acreditava
Sinceramente na salvação.

A Igreja então ensinava:
“Guardai-vos da cólera dos santos.
São todos cheios de amor,
Mas, ai de quem é pecador!”



MARTINVS

LVTHERVVS



Martinho Lutero

“Os que não os cultuam devidamente
Recebem graves doenças.
Pior ainda é ter com eles
Algumas desavenças.”

Ficavam todos com medo
Da grande ira celeste.
Quem era devoto,
Não escaparia a uma peste.

Não era bom também
Deixar os outros santos esquecidos.
Recorrendo a um só santo,
Os outros ficariam ofendidos.

O povo era formado de pessoas
Que, além de serem ignorantes,
Acreditando em tudo,
Eram também pessoas errantes.

Era uma humanidade
Em tudo pecadora.
Para evitar o castigo divino
Só uma solução redentora.

O povo tinha que se sacrificar
Pra obter a salvação.
Era preciso fazer
Procissão de mortificação.

Quem quisesse salvação
Comprava relíquia de santo.
Podia ser um espinho da coroa de Cristo
Ou até mesmo um sagrado manto.



Gravura da Biblioteca do
Protestantismo Francês.

Também recebia o povo
Um outro ensinamento:
“Quem quisesse salvação
Podia comprar um sacramento”.

Mas, muito grave mesmo
Era a venda de indulgência,
Que o povo comprava,
Demonstrando pouca inteligência.

Tudo isso os padres
Ao povo ensinavam.
Como ninguém desacreditava,
Cada vez mais eles enricavam.

Mas isso não era coisa
Pra continuar muito tempo não,
Alguém tinha que surgir
Pra mudar tal situação.

Esse alguém era um monge,
Cujo nome era Lutero.
Era homem de fé, de devoção
E também bastante austero.

Era um jovem alemão, formado em artes
E filosofia também já tinha feito.
E já se preparava para entrar
Na Escola de Direito.

Mas, algo iria ocorrer
A esse jovem alemão,
Para mudar de idéia
E receber outra vocação.

Num dia de viagem, e grande tempestade,
Ia ele para um lugar muito longe.
Com medo da ira celeste e da morte, grita:
“Sant’Ana, socorrei-me! Eu me farei monge!”

Seu pai não gostou muito.
Queria seu filho de outra maneira.
Para ele a vida de padre
Não era uma boa carreira.

Mas Lutero insistiu
Foi para o mosteiro dos agostinianos.
E por lá permaneceu
Durante muitos anos.

Para ele tudo aconteceu
Durante aquela tempestade.
Era preciso fazer, então,
O que Deus fazia vontade.

A 2 de maio de 1507
Sua primeira missa era rezada.
Contra a vontade do Pai
Sua vocação estava consagrada.

Lutero enfrentou graves crises.
Mas em tudo manteve obediência.
Quando a coisa estava muito feia,
Fazia vigília e penitência.

De corpo e alma passou a estudar.
Já era formado em filosofia.
Logo não tardou também
A ser bacharel em teologia.

Finalmente, já um monge respeitado
A Roma ele foi enviado
Para tratar de um problema
Que precisava ser solucionado.

Roma não era mais cidade dos mártires,
Aquele cidade antes espirituosa.
Os papas que a ela governavam
Não davam valor à fé religiosa.

Títulos de bispo compravam
Os senhores da nobreza.
A Igreja foi ficando cheia
De homens de grande riqueza.

Lá, nos lugares santos,
Onde se fazia peregrinação
E até mesmo nas igrejas,
Mulheres faziam prostituição.

Todo esse panorama
De decadência espiritual
Encheu Lutero de angústia.
Em Roma faltava muita moral.

Lutero volta à Alemanha
Completamente desiludido,
Pois a corrupção
Havia conhecido.

Lutero era admirado
Por sua dedicação religiosa.
Era homem devoto
E de fé muito ardorosa.

Lutero se indignou
Contra essa desmoralização.
Resolveu lutar para mudar
Uma tal situação.

Para ele, quem comprava indulgência,
Comprava uma falsa segurança.
Dinheiro não resolvia nada.
Só Deus era digno de confiança.

Para ele, o Evangelho
Era o tesouro do cristão.
E nele não se falava
Sobre venda de perdão.

Lutero escreve 95 afirmações
Condenando a tal situação.
Estava ele, então, criando
Uma grande rebelião.

As 95 afirmações ele coloca
Bem na porta da igreja,
Para que o povo possa ver
O que Deus realmente deseja.

Sem que ninguém soubesse
Nascia naquele instante
Uma coisa que ficou conhecida
Como Reforma Protestante.

Em pouco tempo as 95 afirmações
Já não eram mais mistério.
Já estavam conhecidas
Em todos os principados do Império.

Martinho Lutero, então,
A Roma foi chamado.
Começava ele a ser
Um homem ameaçado.

A Igreja queria
Que ele voltasse atrás.
E sobre aquele assunto
Não voltasse a falar mais.

Lutero só fez, então,
Firmar sua posição.
Não voltava atrás
A sua condenação.

Com essa decisão
As brigas continuaram.
E muitos doutores
A doutrina de Lutero condenaram.



Martinho Lutero, por Lucas Cranach.



Gravura da Biblioteca do Protestantismo sobre a presença real do Cristo na Eucaristia.

Lutero era, assim,
Um homem ameaçado.
Não demoraria muito
Para ser excomungado.

Na fogueira ele joga
Carta contendo decreto papal.
Para ele, aquilo não continha
Nenhum valor espiritual.

O papa considerou isto
Uma grande ingratidão,
Tratou de lhe dar logo
A sua excomunhão.

No começo de 1521,
Lutero seria, então, julgado.
Mas o grande monge, porém,
Não se mostra amedrontado.

No julgamento, respondeu:
"Dizer que eu não disse eu não quero,
Porque agindo assim
Comigo não sou sincero".

Com essa decisão,
Lutero foi banido.
Sua vida passou, então,
A correr grande perigo.



Discussão entre calvinistas e luteranos convocada pelo duque de Wurtemberg (1586).

Já que vivia escondido,
Ele aproveita a situação
Para escrever sobre Salmos,
Missa, confissão e excomunhão.
Aproveita ainda para da Bíblia
Fazer a tradução.

Lutero passa a ser
Um grande chefe espiritual.
Muitos homens passam a segui-lo
Para lutarem contra o mal.

Em 1522, explode uma revolta.
Contra a Igreja era a luta,
Muita gente já havia
Se metido nessa disputa.

Muita gente estava contra
As riquezas que a Igreja acumulava.
Sabiam que aquilo não era certo
E que Deus não concordava.

Martinho Lutero passa
A viver uma nova vida.
Resolve também casar
Com uma freira convertida.

Na Alemanha, outra revolta explode.
Agora são os trabalhadores do campo.
Que a Lutero resolveram dar
O seu apoio amplo.

Os trabalhadores do campo viviam
Numa terrível situação:
Trabalhavam muito, mas o salário era:
Fome, miséria e opressão.

Os camponeses estavam contra
A exploração dos seus patrões,
Que lhes roubavam tanto
Como verdadeiros ladrões.

Lutero ficou indeciso.
Não sabia a quem ajudar.
Resolveu, então, do lado
Dos patrões ficar.

Os camponeses dedicavam
A Lutero um grande amor.
Depois disso passaram a chamá-lo
De um grande traidor.

Os camponeses foram todos
Atacados e massacrados.
Os que não eram mortos,
Pra prisão eram levados.

Em 1529, houve outra rebelião,
Não de trabalhador.
Depois do massacre, os que sobraram,
Calaram de temor.

Esta outra rebelião
Foi um grande manifesto.
Pra mudar uma situação,
Só um grande protesto.

Foi assim que surgiu,
De um protesto como não se viu antes,
A nossa denominação,
Conhecida como protestantes.

Surgiram outros grandes líderes,
Como Zwinglio e Calvino.
Todos acreditando
Estarem servindo ao Deus divino.

Muitos não se entendiam.
Então, houve divisão.
Porque todos queriam mostrar
Como se alcança a salvação.

Com isso surgiram
Diferentes denominações.
Todas pregando o Evangelho
Em diferentes regiões.

Lutero continuava ainda
Lutando contra o papado.
Estava mais fortalecido
Com todo o povo a seu lado.

Em 18 de fevereiro de 1546
Martinho Lutero iria morrer.
Mas estava calmo e tranqüilo,
Pois cumpriu o seu dever.

Antes dele morrer
Perguntaram se desejava
Morrer em Cristo e
Em tudo que ensinava.

Não houve vacilo algum.
"Sim", respondeu ele.
Foi sua última palavra,
Mas muito se falaria dele.

Hoje a coisa mudou.
Vivemos em outra situação.
A Igreja Católica já reconhece
O valor daquela revolução.

Também reconhece
Que o monge Martinho Lutero,
Naquele tempo agiu
Como homem muito sincero.

Que Deus faça ainda
Outra grande transformação,
Para que a Igreja possa
Levar o homem à salvação.

Tudo que aqui foi contado
Devemos guardar na memória.
Nós que somos protestantes.
Esta é a nossa história.



Calvino.



Zwinglio, por Hans Holbein.

É curioso como o Senhor, por vezes, realiza seus desígnios. Ficamos surpresos. É que nossa leitura da Bíblia não só é espiritualizante (idealista), como, às vezes, realmente deturpada. Não conseguimos perceber as entrelinhas (contexto histórico) do texto, tampouco aplicá-lo aos nossos dias, ou seja, à nossa missão.

O episódio em apreço mostra o Senhor interessado em exterminar o terrível rei Acabe e seu reinado. Os cronistas ao chamarem atenção para o fato dos reis não terem seguido a Lei, entregando-se a ídolos e contaminando o culto, estavam também dizendo — elemento imperceptível numa leitura idealista — que os grandes pactos éticos da Lei, que defendiam sempre o pequeno proprietário, o órfão, a viúva, o estrangeiro e

o insolvente, estavam sendo desrespeitados. A monótona seqüência de reis que se sucedem no trono de Israel acaba merecendo do cronista as mais severas críticas, significa como que um processo de acumulação da opressão. Uma seqüência de desobediências da Lei redundavam num acúmulo de injustiça.

Dito isto, já podemos passar para o “estranho” comportamento do profeta. Estranho para nossas categorias estreitas. Conhecemos parte da biografia de Eliseu, sucessor de Elias, apresentado como grande milagreiro que testemunhou aquela sucessão de reis obscuros no trono do Reino do Norte e que chega a seu clímax no reinado de Acabe e Jezabel. Esta última mulher estrangeira e idólatra, i.e., estranha aos pactos de Deus com

Jeú é ungido rei de Israel

9 Então o profeta Eliseu chamou um dos discípulos dos profetas, e lhe disse: Cinge os teus lombos, leva contigo este vaso de azeite, e vai-te a Ramote-Gileade;

2 em lá chegando, vê onde está Jeú, filho de Josafá, filho de Ninsi; entra e faze-o levantar-se do meio de seus irmãos e leva-o à câmara interior.

3 Toma o vaso de azeite, derrama-lho sobre a cabeça, e diz: Assim diz o SENHOR: Ungi-te rei^a sobre Israel. Então abre a porta, foge e não te detenhas.

4 Foi, pois, o moço, o jovem profeta, a Ramote-Gileade.

5 Entrando ele, eis que os capitães do exército estavam assentados; ele disse: Capitão, tenho mensagem que te dizer. Perguntou-lhe Jeú: A qual de todos nós? Respondeu-lhe ele: A ti, capitão!

6 Então se levantou Jeú e entrou na casa; o jovem derramou-lhe o azeite sobre a cabeça e lhe disse: Assim diz o SENHOR Deus de Israel: Ungi-te rei sobre o povo do SENHOR, sobre Israel.

7 Ferirás a casa de Acabe, teu senhor, para que eu vingue da mão de Jezabel o sangue de meus servos, os profetas, e o sangue de todos os servos do SENHOR.

8 Toda a casa de Acabe perecerá; exterminarei de Acabe a todos do sexo masculino, quer escravo quer livre, em Israel.

9 Porque farei à casa de Acabe como à casa de Jeroboão, filho de Nebate, e como à casa de Baasa, filho de Aías.

10 Os cães comerão^b a Jezabel no campo de Jezreel; não haverá quem a enterre. Dito isto, abriu a porta e fugiu.

11 Saindo Jeú aos servos de seu senhor, disseram-lhe: Vai tudo bem? Por que veio a ti este louco? Ele lhes respondeu: Bem conheceis esse homem e o seu falar.

12 Mas eles disseram: É mentira; agora faze-no-lo saber, te pedimos. Então disse Jeú: Assim e assim me falou, a saber: Assim diz o SENHOR: Ungi-te rei sobre Israel.

13 Então se apressaram, e, tomando cada um o seu manto, os puseram debaixo dele, sobre os degraus, tocaram a trombeta, e disseram: Jeú é rei.

Jeú mata Jorão e Acazias

14 Assim Jeú, filho de Josafá, filho de Ninsi, conspirou contra Jorão. Tinha, porém, Jorão cercado a Ramote-Gileade, ele e todo o Israel, por causa de Hazael, rei da Síria.

Companheiros de Jeú?

José Bittencourt Filho

seu povo, sobretudo no que dizia respeito à proteção legal aos mais desfavorecidos.

A visão profética da história consiste numa aptidão não somente de reconhecer os planos e intenções de Javé, como manter o olhar fixo em Deus, diante dos acontecimentos maiores no cenário político. Todavia, para explicar tais acontecimentos, é preciso recorrer às questões humanas referentes ao poder, para que a profecia não se torne mero discurso moralizante.

Contudo, não nos esqueçamos de que a visão do profeta era sempre voltada para seu tempo e seu povo eleito, com todas as implicações que isto acarretava. Não contando que o homem daquela época não fazia distin-

ção entre o “espiritual” e o “material”. Para ele, os dois domínios eram unidos estreitamente e, em consequência, a palavra não se separava do fato, a representação não se separava da realidade. Em que pese nossa visão ocidental dualista e racionalista, temos que retomar algo dessa dimensão bíblica, caso queiramos hoje exercer um ministério profético.

Eliseu era mestre dos chamados “filhos dos profetas”, que se constituíam num grupo de espiritualidade e prática peculiares. Pode-se dizer que estes grupos foram os remanescentes da fé javista “pura”; no sentido de não se adaptarem às relações econômicas vigentes em sua época, que eram de um quase feudalismo, já que pretendiam manter o projeto igualitário, tribal e patriarcal.

15 Porém o rei Jorão voltou para se curar em Jezreel das feridas que os siros lhe fizeram, quando pelejou contra Hazael, rei da Síria. Disse Jeú: Se é da vossa vontade, ninguém saia furtivamente da cidade, para ir anunciar isto em Jezreel.

16 Então Jeú subiu a um carro, e foi-se a Jezreel, porque Jorão estava de cama ali. Também Acazias, rei de Judá, descera para ver a Jorão.

17 Ora o atalaia estava na torre de Jezreel, e viu a tropa de Jeú, que vinha, e disse: Vejo uma tropa. Então disse Jorão: Toma um cavaleiro, e envia-o ao seu encontro, para que lhe pergunte: Há paz?

18 Foi-lhe o cavaleiro ao encontro, e disse: Assim diz o rei: Há paz? Respondeu Jeú: Que tens tu com a paz? Passa para trás de mim. O atalaia deu aviso, dizendo: Chegou a eles o mensageiro, porém não volta.

19 Então enviou Jorão outro cavaleiro; chegando este a eles, disse: Assim diz o rei: Há paz? Respondeu Jeú: Que tens tu com a paz? Passa para trás de mim.

20 O atalaia deu aviso, dizendo: Também este chegou a eles, porém não volta; e o guiar do carro parece como o de Jeú, filho de Ninsi, porque guia furiosamente.

21 Disse Jorão: Aparelha o carro. E lhe aparelharam o carro. Saiu Jorão, rei de Israel, e Acazias, rei de Judá, cada um em seu carro, e foram ao encontro de Jeú, e o acharam no campo de Nabote, o jezreelita.

22 Sucedeu que, vendo Jorão a Jeú, perguntou: Há paz, Jeú? Ele respondeu: Que paz, enquanto perduram as prostituições de tua mãe Jezabel e as suas muitas feitiçarias?

23 Então Jorão voltou as rédeas, fugiu, e disse a Acazias: Há traição, Acazias.

24 Mas Jeú entesou o seu arco com toda a força, e feriu a Jorão entre as espáduas; a flecha saiu-lhe pelo coração, e ele caiu no seu carro.

25 Então Jeú disse a Bidcar, seu capitão: Toma-o, lança-o no campo da herdade de Nabote, o jezreelita; pois, lembra-te de que, indo eu e tu, juntos, montados, após seu pai Acabe, o SENHOR pronunciou contra ele esta sentença:

26 Tão certo como vi^e ontem à tarde o sangue de Nabote e o sangue de seus filhos, diz o SENHOR, assim to retribuirei neste campo, diz o SENHOR. Agora, pois, toma-o, e lança-o neste campo, segundo a palavra do SENHOR.

27 A vista disto, Acazias, rei de Judá, fugiu pelo caminho de Bete-

Um aspecto do ministério de Eliseu que nos chama atenção é sua atuação no plano político. Aliás, os profetas do século IX a.C. constantemente envolveram-se nas mais audaciosas conspirações.

A concepção carismática dos profetas do Reino do Norte, fazia com que se concebessem como instrumentos diretos de Deus quando da designação de alguém para o trono, i. e., como defensores e servidores de Israel, muito além da esfera religiosa.

Naquela situação era preciso descobrir um valente, que fosse zeloso da fé javista, que enfrentasse o poder militar do rei. O profeta no seu discernimento, ou seja, por estar atento aos fatos de sua conjuntura histórico-política, viu que, em Israel, só havia um homem que reunia aquelas qualidades. Jeú, filho de Namsi.

Por motivos que o texto não aclara (toda a tradição sobre Eliseu encontra-se estratificada), o profeta usou de um estratagema para "sensibilizar" o escolhido para missão tão difícil, unindo-o de forma inusitada (9.6ss). O aval profético foi uma marca indelével, aceita por todos os adversários de Acabe e pelos companheiros de Jeú (9.13).

Jeú, imediatamente, colocou em execução uma tática para destruir a casa real, assim como trazer para si a fidelidade dos servos de Acabe (10). Segue-se uma matança e a tomada do poder por Jeú — o Ungido.

A história não termina "bem" como nos filmes americanos, nos quais, os heróis militares arrogantes derrotam os inimigos (quase sempre de pele negra, vermelha ou amarela), e fincam a estrelada bandeira em

-Hagã; porém Jeú o perseguiu e disse: Feri também a este; e o feriram no carro à subida de Gur, que está junto a Ibleão. E fugiu para Megido, onde morreu.

28 Levaram-no os seus servos num carro a Jerusalém, e o enterraram na sua sepultura junto a seus pais, na cidade de Davi^d.

29 No ano undécimo de Jorão, filho de Acabe, começara Acazias a reinar sobre Judá.

A morte de Jezabel

30 Tendo Jeú chegado a Jezreel, Jezabel o soube; então se pintou em volta dos olhos, enfeitou a cabeça, e olhou pela janela.

31 Ao entrar Jeú pelo portão do palácio, disse ela: Teve paz Zinri, que matou a seu senhor?

32 Levantou ele o rosto para a janela e disse: Quem é comigo? quem? E dois ou três eunucos olharam para ele.

33 Então disse ele: Lançai-a daí abaixo. Lançaram-na abaixo; e foram salpicados com o seu sangue a parede e os cavalos, e Jeú a atropelou.

34 Entrando ele e havendo comido e bebido, disse: Olhai por aquela maldita, e sepultai-a, porque é filha de rei.

35 Foram para a sepultar; porém não acharam dela senão a caveira, os pés e as palmas das mãos.

36 Então voltaram, e lho fizeram saber. Ele disse: Esta é a palavra do SENHOR, que falou por intermédio de Elias, o tesbita, seu servo, dizendo: No campo^e de Jezreel os cães comerão a carne de Jezabel.

37 O cadáver de Jezabel será como esterco sobre o campo da herdade de Jezreel, de maneira que já não dirão: Esta é Jezabel.

Jeú extermina a casa de Acabe

10 Achando-se em Samaria setenta filhos de Acabe, Jeú escreveu cartas, e as enviou a Samaria, aos chefes da cidade, aos anciãos, e aos tutores dos filhos de Acabe, dizendo:

2 Logo, em chegando a vós outros esta carta, pois estão convosco os filhos de vosso senhor, como também os carros, os cavalos, a cidade fortificada e as armas;

3 escolhei o melhor e mais capaz dos filhos de vosso senhor, ponde-o sobre o trono de seu pai, e pelejai pela casa de vosso senhor.

4 Porém eles temeram muitíssimo, e disseram: Dois reis não puderam resistir a ele; como, pois, poderemos nós fazê-lo?

terra alheia. Nosso herói Jeú comete os mesmos erros dos seus antecessores, pois, embora tenha cumprido a vontade do Senhor naquela conjuntura, colocou mais um tijolo no edifício da opressão que acabaria enfraquecendo o Reino, tornando-o totalmente vulnerável ao Império Assírio que viria a destruí-lo totalmente mais tarde.

Num esforço de atualização, questionaria quais as lições que o povo-profeta (a Igreja), poderia extrair desse episódio. Acredito que nenhuma, caso a leitura das Escrituras esteja bitolada a modelos idealistas ou não ultrapasse os estreitos limites do “profetismo” institucional. Todavia — se temos exercitado com humildade nosso discernimento espiritual e procurado responder com o Evangelho aos desafios do presente momento histórico com suas grosseiras injustiças, diante de mi-

lhões que padecem penúria e minorias que cada vez mais enriquecem às custas de um Sistema visceralmente injusto e regimes que o garantem — acredito que podemos inferir algo bastante positivo.

Acima de tudo serve-nos para questionar nossa estratégia e táticas. Em outras palavras, não temos levado a sério a questão do poder. Imaginem a distância — respeitadas as peculiaridades históricas — entre a posição das Igrejas institucionais e **dos seus seguidores**, pretensamente neutra, e o profeta providenciando um unguido “biônico” para cumprir a vontade do Senhor — a libertação do seu povo da opressão dos reis injustos. Bastaria exemplificar, mencionando a confusão generalizada, agora que os partidos estão de volta ao cenário político nacional. Isto retoma a velha questão já tão debatida: A quem servem os escrúpulos eclesiásticos

5 Então o responsável pelo palácio e o responsável pela cidade, os anciãos e os tutores mandaram dizer a Jeú: Teus servos somos, e tudo quanto nos ordenares faremos; a ninguém constituiremos rei; faze o que bem te parecer.

6 Então lhes escreveu outra carta, dizendo: Se estiverdes do meu lado e quiserdes obedecer-me, tomai as cabeças dos homens, filhos de vosso senhor, e amanhã a estas horas vinde a mim a Jezreel. Ora os filhos do rei, que eram setenta, estavam com os grandes da cidade, que os criavam.

7 Chegada a eles a carta, tomaram os filhos do rei, e os mataram, setenta pessoas, e puseram as suas cabeças nuns cestos, e lhas mandaram a Jezreel.

8 Veio um mensageiro e lhe disse: Trouxeram as cabeças dos filhos do rei. Ele disse: Ponde-as em dois montões à entrada da porta, até pela manhã.

9 Saindo ele pela manhã, parou e disse a todo o povo: Vós estais sem culpa; eis que eu conspirei contra o meu senhor, e o matei; mas quem feriu a todos estes?

10 Sabei, pois, agora, que, da palavra do SENHOR, pronunciada contra a casa de Acabe, nada cairá em terra, porque o SENHOR fez o que falou por intermédio do seu servo Elias.

11 Jeú feriu também a todos os restantes da casa de Acabe em Jezreel^a,

como também a todos os seus grandes, os seus conhecidos e os seus sacerdotes, até que nem um sequer lhe deixou ficar de resto.

12 Então se dispôs, partiu e foi a Samaria. E, estando no caminho, em Bete-Equede dos pastores,

13 encontrou Jeú parentes de Acázias, rei de Judá, e perguntou: Quem sois vós? Eles responderam: Parentes de Acázias; voltamos de saudar os filhos do rei e os da rainha-mãe.

14 Então disse Jeú: Apanhai-os vivos. Eles os apanharam vivos, e os mataram junto ao poço de Bete-Equede, quarenta e dois homens; e a nenhum deles deixou de resto.

Jeú encontra a Jonadabe

15 Tendo partido dali, encontrou a Jonadabe, filho de Récabé, que lhe vinha ao encontro; Jeú saudou-o, e lhe perguntou: Tens tu sincero o coração para comigo, como o meu o é para contigo? Respondeu Jonadabe: Tenho. Então, se tens, dá-me a tua mão. Jonadabe deu-lhe a mão; e Jeú fê-lo subir consigo ao carro,

16 e lhe disse: Vem comigo, e verás o meu zelo para com o SENHOR. E assim Jeú o levou no seu carro.

17 Tendo Jeú chegado a Samaria, feriu a todos os que ali ficaram de Acabe, até destruí-los, segundo a palavra que o SENHOR dissera a Elias.

relativos à política, sejam quais forem suas justificativas?

Vale ressaltar ainda a incapacidade dos grupos mais progressistas em superarem o conservadorismo e o reacionarismo das estruturas eclesásticas, defendidas por esquadrões de eminências pardas. Ainda a incapacidade de articulação, que faz dos setores alternativos verdadeiros quixotes (no sentido pejorativo) que só fazem, com suas atitudes pseudo-vanguardistas, reforçar o status quo eclesástico. Também, a paupérrima visão conjuntural que nos impede de perceber quem são os que devem ser “ungidos” para enfrentar nossos “Acabes”, ou seja, a nulidade de nossa participação política em termos amplos.

Quando iremos aprender que a questão do poder é central e dela depende nosso profetismo?

Jeú mata os adoradores de Baal

18 Ajuntou Jeú a todo o povo, e lhe disse: Acabe serviu pouco a Baal; Jeú, porém, muito o servirá.

19 Pelo que chamai-me agora todos os profetas de Baal, todos os seus servidores e todos os seus sacerdotes; não falte nenhum, porque tenho grande sacrifício a oferecer a Baal; todo aquele que faltar, não viverá. Porém Jeú fazia isto com astúcia, para destruir os servidores de Baal.

20 Disse mais Jeú: Consagrai uma assembléia solene a Baal; e a proclamaram.

21 Também Jeú enviou mensageiros por todo o Israel: vieram todos os adoradores de Baal, e nenhum homem deles ficou que não viesse. Entraram na casa de Baal, que se encheu de uma extremidade à outra.

22 Então disse Jeú ao vestiário: Tira as vestimentas para todos os adoradores de Baal. E o fez.

23 Entrou Jeú com Jonadabe, filho de Recabe, na casa de Baal, e disse aos adoradores de Baal: Examinai, e vede bem não esteja aqui entre vós algum dos servos do SENHOR, mas somente os adoradores de Baal.

24 E, entrando eles a oferecerem sacrifícios e holocaustos, Jeú preparou da parte de fora oitenta homens, e disse-lhes: Se escapar algum dos ho-

Creio que antes de apelarmos para sofisticados esquemas, ou, para a experiência de expoentes versados nas lutas políticas, como cristãos protestantes, precisamos aprender com a Bíblia. No longínquo Israel de alguns milhares de anos atrás, o profeta sabia discernir a vontade do Senhor e não media recursos para cumpri-la. Só quem se encontra míope pela ideologia, não percebe na história da Salvação conforme nos é relatada na Bíblia, a preferência de Deus pelos pobres e oprimidos. Deus os tem libertado usando os mais insuspeitos instrumentos e inesperadas situações.

Lamentavelmente não temos sido nem auxiliares de Eliseu, nem companheiros de Jeú. Que o Senhor nos ilumine!

mens que eu entregar em vossas mãos, a vida daquele que o deixar escapar, responderá pela vida dele.

25 Sucedeu que, acabado o oferecimento do holocausto, ordenou Jeú aos da sua guarda, e aos capitães: Entrai, feri-os, que nenhum escape. Feriram-nos ao fio da espada; e os da guarda e os capitães os lançaram fora e penetraram no mais interior da casa de Baal,

26 e tiraram as colunas que estavam na casa de Baal, e as queimaram.

27 Também quebraram a própria coluna de Baal, e derrubaram a casa de Baal, e a transformaram em latrinas até ao dia de hoje.

28 Assim Jeú exterminou de Israel a Baal.

29 Porém não se apartou Jeú de seguir os pecados de Jeroboão, filho de Nebate, que fez pecar a Israel, a saber, dos bezerros de ouro^b, que estavam em Betel e em Dã.

30 Pelo que disse o SENHOR a Jeú: Porquanto bem executaste o que é reto perante mim, e fizeste à casa de Acabe segundo tudo quanto era do meu propósito, teus filhos até à quarta geração se assentarão no trono de Israel.

31 Mas Jeú não teve cuidado de andar de todo o seu coração na lei do SENHOR Deus de Israel, nem se apartou dos pecados de Jeroboão, que fez pecar a Israel.

ÀS IGREJAS QUE INTEGRAM O CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS DOS ESTADOS UNIDOS E OUTRAS COMUNIDADES CRISTÃS DA AMÉRICA

O Conselho Latino-americano de Igrejas neste documento posiciona-se sobre a situação de violência na América Latina interpelando as Igrejas norte-americanas.

Amados irmãos em Cristo:

Durante as sessões da Junta Diretiva do CLAI (Conselho Latinoamericano de Igrejas), em formação, uma vez mais esteve presente em nossos pensamentos, nossas conversações e nossas orações a situação angustiada que vivem os povos irmãos de El Salvador e Guatemala.

Tomamos conhecimento de vários documentos que nos informam do agravamento da situação em ambos os países e do genocídio aberto ou encoberto que se vem cometendo nesses povos, e particularmente na população indígena e entre os que ocupam ativa ou potencialmente alguma posição de liderança nos vários setores da comunidade.

Entre outros documentos recebidos, nos impressionou o testemunho de que um grupo de representantes das Igrejas dos EUA, que visitou recentemente a Guatemala mantendo contato amplo e direto com distintas pessoas e organizações, que lhes permitiu formar um quadro objetivo e sem distorções da triste realidade que vive esse país.



Por sua vez, confirmamos a veracidade e a valentia deste testemunho, recomendamos a sua leitura atenta e seu espírito de oração e obediência, não só a todo povo cristão dos EUA, mas também de todo continente latino-americano. Porque todos somos responsáveis do crime que se está cometendo com esses povos e cedo ou tarde teremos que prestar contas ao Senhor do que temos feito com e por nossos irmãos. Em tal caso, não nos justificaria nem o pretexto de Caim: "Sou eu guarda do meu irmão?", nem o argumento da ignorância, pelo silêncio interessado ou culpado, quando não a desinformação intencional da grande parte dos meios de comunicação de massa que deveriam manter-se informados.

Finalmente, queremos salientar os quatro apelos que esta carta dirige aos cristãos dos EUA e que poderiam estender-se aos cristãos de todo o Continente:

1. O apelo à oração por todos os que estão envolvidos na triste situação da Guatemala.
2. O apelo a esforçar-se para compreender o que está sucedendo na Guatemala, através dos melhores meios de informação acessíveis, inclusive dos milhares de exilados deste país.
3. O apelo para contribuir financeiramente para atender às necessidades de mais de 15.000 refugiados que hoje vivem no México, Costa Rica e outros países do mundo.
4. O apelo de se escrever ao Presidente dos EUA, com cópia ao Secretário de Estado, ao Embaixador norte-americano nas Nações Unidas e a outros dirigentes políticos desse país, exigindo urgentemente uma investigação da situação dos direitos humanos na Guatemala, pela Organização dos Estados Americanos e pelas Nações Unidas.

É nosso desejo, nossa esperança e nossa oração que um crescente sentimento de responsabilidade e de solidariedade pelo que está sucedendo tanto em El Salvador como na Guatemala, se extenda entre os cristãos de todas as confissões e de todo o Continente. Porque essa é a única forma de verdadeiro jejum, de verdadeira religiosidade que o Senhor espera e pede dos que nos atrevemos a nos chamarmos seguidores e testemunhas de Jesus Cristo, (Isaías 58. 1-12) nestes tempos.

Graça e Paz em Cristo.

Pela Junta Diretiva do CLAI (em formação)

Gerson Meyer
Secretário Geral

VALE A PENA LER VALE A PENA LER VALE A PENA LER

OS 101 ANOS DE HAROLDO COOK

Domicio P. Mattos
Editora Princeps
Rio 1981

Figura lendária dos meios protestantes, Haroldo Cook dedicou toda a sua vida, mesmo com o sacrifício da própria família ao trabalho de evangelização. No culto comemorativo do seu centenário, na Igreja Presbiteriana do Rio, declarava: "Eu sou nada, nada; mas Cristo é tudo, tudo".

O autor escreve de uma maneira apaixonada sobre a vida desse homem de Deus. Convivendo com ele até a sua morte, rememora, em forma de crônica, sua vida e suas indagações. É um livro importante nestes tempos áridos onde a vivência de Deus tende a se perder na frieza e impessoalidade das relações humanas condenadas a um mundo de violência venha de onde vier.

Apassionada é a dedicatória do livro que transcemos e que dá a exata dimensão do que está escrito no seu interior.

"Dedico este livro à mulher presbiteriana, muito bem representada na figura de Rhode Alford Cook. A mulher consagrada à Igreja até ao sacrifício, sem participar, entretanto, do seu governo. Excluída do ministério diaconal tão inerente ao seu espírito de serviço; do ministério da administração, embora, às vezes mais capacitada do que homens de sua comunidade; do ministério da palavra, apesar de ser chamada por Deus e muitas vezes vocacionada para este mister. Fica a esperança de que, um dia, cessem as discriminações que não são feitas por Jesus Cristo, na sua Palavra".

“...O
vento
sopra
onde
quer...”

(Jo 3.8)

O teólogo Rubem Alves num depoimento apaixonado fala da sua trajetória humana pelos caminhos da fé, da Igreja, pelas veredas do ecumenismo e reitera seu compromisso com a construção da liberdade a ser conquistada a cada dia para o homem e toda a sociedade.

Memórias não podem ser esquecidas. O passado, uma vez vivido, entra em nosso sangue, molda o nosso corpo, escolhe nossas palavras. É inútil renegá-lo. As cicatrizes e os sorrisos permanecem. Os olhos dos que sofreram e amaram serão, para sempre, diferentes de todos os outros. Resta-nos fazer as pazes com aquilo que já fomos, reconhecendo que, de um jeito ou de outro, aquilo que já fomos continua vivo em nós, seja sob a forma de demônios que queremos exorcizar e esquecer, sem sucesso, seja sob a forma de memórias que preservamos com saudade e nos fazem sorrir com esperança.

Digo isto como prelúdio a uma confissão: sou protestante. Sou porque fui. Mesmo quando me rebelo e denuncio. Minha estória não me deixa outra alternativa. Sou o que sou em meio às marcas de um passado. Mesmo que eu não quisesse, este passado continuaria a dormir comigo, assombrando-me, às vezes, com pesadelos e fúria, às vezes, fazendo-me sonhar coisas ternas e verdadeiras.

Sou protestante. Hoje, muito diferente do que fui. Não há retornos. Tão diferente que muitos me contestarão, recusando-me cidadania no mundo da Reforma. Alguns me denunciarão como espião ou traidor. Outros permitirão minha presença, mas exigirão o meu silêncio. O que me faz duvidar de mim mesmo e suspeitar, quem sabe, que eu seja de fato um apóstata. Mas aí protestantes de outros lugares me confirmam, ouvindo-me, dando-me as mãos, o pão e o vinho...

Sou protestante. Perderão o seu tempo aqueles que tentarem descobrir as raízes da minha fé em catecismos ou teólogos. O amor e a dor vêm primeiro. É só muito mais tarde que a gente pensa a fim de entender o sofrido e o desejado. Tudo começa com canções de alegria e tristeza, muito antes de podermos chamar nossas

idéias pelo nome. E é por isto que a gente não pode deixar de ser o que foi. Mudar de idéia é muito fácil. Mas ninguém pode fazer de contas que alegria e tristeza nunca existiram. É assim na religião. Salmos e poemas vêm primeiro. Eles pertencem às origens, preservam aquele espanto primordial frente ao sagrado. Já os tratados de teologia e as explicações doutrinárias são construções tardias, depois que passou o amor e a dor se foi, depois que o espanto acabou e ficou o vazio...

Não foi no cérebro que me tornei protestante. Ao contrário, minha fé é companheira de imagens, memórias, perfumes, músicas, solidões, retiros, caminhadas por montanhas e beira-mar; rostos, sorrisos, acampamentos de trabalho em favelas; funerais, injustiças, esperanças enterradas, algumas ressuscitadas; certezas de lealdade a toda prova... E aqui eu teria de ir colocando nomes: presenças ausentes com quem compartilho minha vida. É isto. O decisivo não é a idéia. O decisivo é a pessoa que a gente invoca, não importa que já esteja morta...

Dizendo de outra forma: não sou protestante em virtude das idéias que tenho. Não somos o que somos por termos as idéias que temos. Temos as idéias que temos por sermos o que somos. Primeiro vem a vida, depois vem o pensar... É muito importante entender isto. Não é curioso que tanto os inquisidores quanto São Francisco tenham-se chamado “católicos”? Não é curioso que tanto as pessoas que caçaram e mataram bruxas em Salém, quanto Schweitzer e Martin Luther King tenham-se denominado “protestantes”? Afinal de contas, que magia estranha é esta que faz com que uma mesma religião seja coisas tão opostas?

Religiões são como mesas de banquetes: tudo está preparado e há

desde os pratos rigorosamente destinados às dietas vegetarianas até as gorduras chamuscadas nas brasas para aqueles que gostam de carne... E os fiéis se aproximam, cada qual com o seu pratinho, e **escolhem**... Veja, observe: Já vão saindo com seus pratos cheios. Os lobos, os inquisidores, os caçadores de bruxas trazem nos seus pratos coisas que não se encontram nos pratos dos cordeiros e das vítimas... Escolheram as idéias que mais apeteçiam aos seus paladares e menos ofendiam aos seus estômagos.

Claro que se trata de uma parábola. Estou querendo simplesmente dizer que, assim como as pessoas constroem as suas dietas a partir das exigências dos seus corpos, também elas constroem as suas teologias a partir do que elas são... E é por isto que há tantos catolicismos diferentes, dos lobos e das ovelhas... É por isto que há tantos protestantismos diferentes, dos lobos e das ovelhas... É claro que os lobos se dão bem, não importa a cor de suas peles. E as ovelhas são sempre ovelhas, e se entendem... Seria bom tentar começar a entender o ecumenismo a partir deste ponto, deixando os debates sobre idéias para depois. Há muitas formas de organizar as experiências que o protestantismo guarda. Os inquisidores colocarão fogo nos olhos do seu deus e com o fogo consumirão aqueles que se atrevem a ser diferentes. Os pacificadores colocarão o fogo nas lanternas e nos fogões, para iluminar, aquecer, cozer...

Minha primeira experiência/memória protestante tem a ver com um hino. Meu pai tinha ido à falência. Tudo se perdeu. Morávamos numa casa emprestada, velha, daquelas fazendas antigas do sul de Minas, sem água encanada, sem privada, sem luz elétrica. Era o cheiro de querosene das lamparinas, do estrume das vacas, do capim-gordura, do milho fermentado, o barulho do monjolo, da água que

caía do rego, os camundongos e os cães que ladravam pelas noites a dentro... Mas, como disse a Cecília Meireles, “quando a desgraça é profunda, que amigo se compadece?” De um homem falido fogem os amigos. E foi então que apareceu lá naquela solidão um evangelista, o senhor Firmino. Do que ele dizia nada me restou: eu só tinha três anos. Mas guardei a música que me pareceu a estória de um homem de nome esquisito, João Totrono... Depois descobri que era “Junto ao trono de Deus preparado, tens, cristão, um lugar para ti...” Iniciam-se minhas memórias com uma canção que ficou sendo sacramento de uma presença gratuita e estranha, quando os rostos familiares ficaram raros.

Chamei a memória da música não porque minha biografia tenha qualquer importância mas porque, puxando um pouco mais os fios, a gente acaba por agarrar a história. Esbarramos com a Reforma Protestante e vemos todo mundo cantando. A Reforma aconteceu através da música. Pode ser que Lutero e os outros líderes intelectuais do movimento tivessem pensado com rigor os seus pensamentos, mas as pessoas comuns cantaram a Reforma antes de entendê-la. Quem canta é mais perigoso do que quem só pensa. O canto põe asas nos pés. Haverá outra razão para as marchas militares que põem uma mesma cadência nos passos? O canto mobiliza o corpo, imobiliza o medo e transforma gestos solitários em caminhadas solidárias. E Lutero colocou sua fé em hinos que eram repetidos e decorados, mesmo por aqueles que — crianças talvez — não entendiam bem as idéias. A confiança se cristalizou em imagens. Qualquer um podia entender o que significava cantar “Castelo forte é nosso Deus, espada e bom escudo...”

O espírito protestante é um espírito cantante. Símbolo disto é um homem simples, João Sebastião Bach, que

juntou em suas cantatas a palavra evangélica com a grandiosidade estrutural da música. Tanto ou mais que os documentos da Reforma, a música de Bach é minha amiga. Eu a invoco sempre em momentos de confusão. Fê cantada é melhor que fê falada. E descubro que o meu protestantismo tem muito a ver com o fato de que a música desse homem é como uma encantação mágica que desperta em mim coisas boas adormecidas das quais freqüentemente me esqueço. E fico melhor do que sou.

Compreendo que alguém poderá dizer que gosto por Bach é coisa refinada, de gente que pode-se educar, o que está proibido à maioria... É possível. Mas Bach foi apenas um dos muitos que cantaram e continuam a cantar. E esta é a razão porque não me envergonho de pular de Bach para uma casinha de pau-a-pique, lá perto de Miguel Pereira, ao fim de uma trilha pelo meio do pasto, no buraco da noite, em que irmãos pentecostais de cabo de enxada e palavra reta cantavam sua fé singela e descomplicada, ao som das cordas, dos pandeiros, dos bumbos. E de lá vôo para o último domingo de Páscoa, numa missa católica para crianças em que, para o meu espanto, repentinamente a Igreja explodiu num “Glória, glória, aleluia”, sacudido por dezenas ou centenas de chocalhos, triângulos, pandeiros e tambores infantis, do jeitinho que manda o salmo 150, tão lido e tão desacreditado... Que coisa mais ecumênica pode existir que a música? Para além de tudo o que nos divide, ela dá testemunho de que nós queremos cantar, cantar juntos, cantar que é bom viver... Se a teologia tivesse sido cantada é certo que menos fogueiras teriam sido acesas... E descobri assim o Protestantismo como este espírito cantante, que vive desde a cantata de Bach até a cantoria dos que não sabem distinguir bem de sustenido.

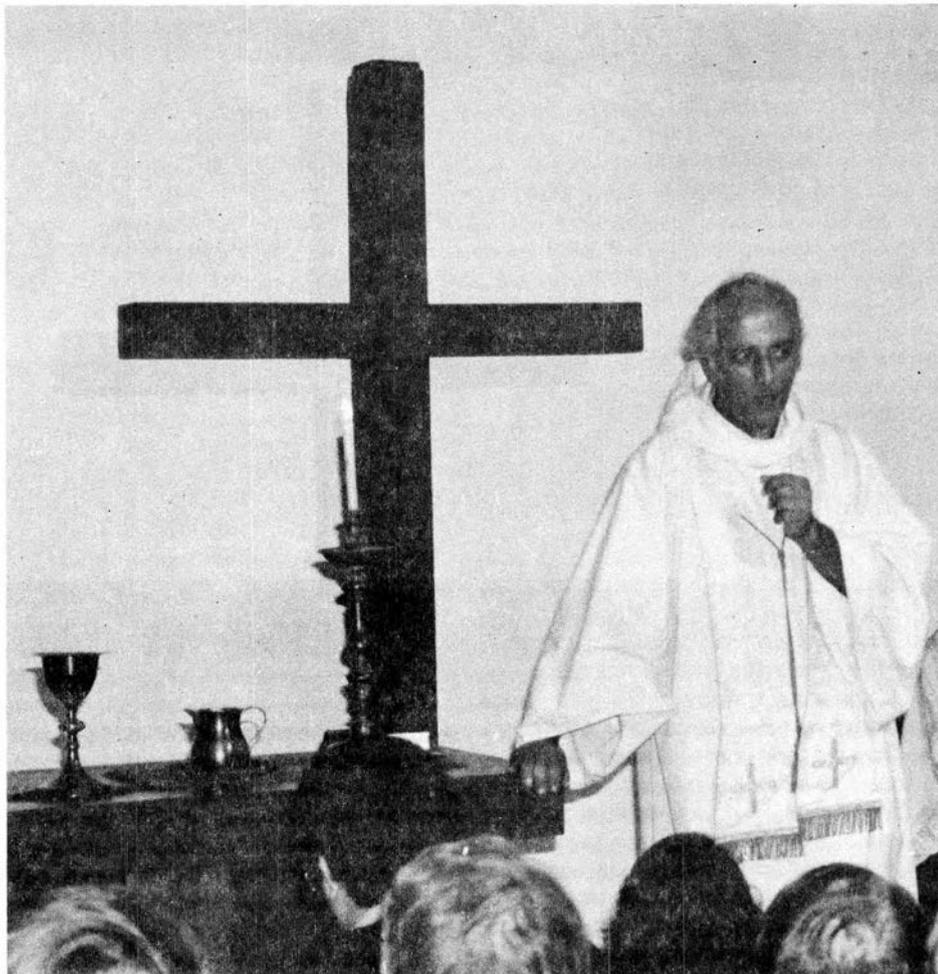
Pode ser que ninguém acredite mas é fato: foi um padre que me fez sentir protestante pela primeira vez.

Eu não pedi para ser protestante. Eram os meus pais que me levavam, meio à força, para a Escola Dominical. Aí aconteceu um acidente. Num grupo escolar, primeiro ano, lá no sul de Minas. Num belo dia, sem aviso prévio, a professora entrou em classe acompanhada de padre com batina preta. “Quem é que vai para a confissão e a comunhão?”, perguntou ele com voz taquaral clerical. A meninada toda levantou a mão. Menos eu e o Estelino, que era espírita. Todo mundo olhou espantado para a gente, enquanto o sangue subia ao rosto e os nossos olhos se enterravam no chão. Miseravelmente diferente, sem saber por quê, enquanto os outros cochichavam risos contra a minha singularidade. E o padre e a sua batina foram crescendo, crescendo, sem parar, e o menino indefeso foi sentindo a dor do estigma. Eu era diferente. Nunca me esqueci.

Mas aí aconteceu uma coisa gozada, que a psicanálise deve explicar. A **vergonha de ser diferente** virou **orgulho de ser diferente**. Foi então que eu, sem saber, me senti protestante pela primeira vez. De fato, o protestantismo tem muito a ver com a coragem para assumir a própria individualidade. Como aconteceu com um monge teimoso, que não dobrava o pescoço por medo da espada, mas fazia o corpo inteiro andar e falar ao som suave da voz da consciência. Este teimoso individualismo teve um gosto doce à minha boca, e nunca mais o abandonei.

De tão longe não é fácil entender o que significam os gestos do monge teimoso. Com eles Lutero não estava criando algo novo mas simplesmente “des-cobrir” um espírito protestante já em gestação.

Foi necessária muita coragem para contrapor a **voz da consciência individual à voz das autoridades constituídas**. Fazendo isto, ele declarava que, se existe um referencial



Rubem Alves

Nasci em Boa Esperança, a mesma da **Serra da Boa Esperança**, do Lamartine Babo. Em 1933. A falência de meu pai me levou para o Rio, cidade cuja solidão eu freqüentei, o que me fez religioso e amante da música. Quis ser médico, pianista e teólogo — admiração por Alberto Schweitzer. Passei por um seminário protestante, fui pastor no interior de Minas, lá em Lavras. Fiz mestrado em Nova Iorque (62-63) e a volta ao Brasil, em 64, me segredou que seria melhor continuar a estudar fora do país. Doutorado em Princeton. Escrevi **A theology of human hope** (inglês, francês, espanhol, italiano), no ponto mesmo em que a teologia da libertação estava nascendo; **Tomorrow's child**, sobre o triste destino dos dinossauros e a sobrevivência das lagartixas, para concluir que os grandes e os fortes perecerão, enquanto os mansos e fracos herdarão a terra: um exercício em utopia; **O enigma da religião** (português, italiano, espanhol); **O que é religião** (Brasiliense); **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras** (Brasiliense); **Protestantismo e repressão** (Ática); **Protestantismo** (Vozes).

Gosto muito de música, especialmente Bach e Vivaldi. Para meditar, o canto gregoriano. Leituras de prazer especial: Nietzsche, Kierkegaard, Camus, Lutero, Agostinho. Pintura, especialmente Bosch e Bruegel. Criado numa tradição calvinista, luto contra aquelas obsessões de pontualidade e trabalho companheiras das insônias e das úlceras. Minha experiência religiosa hipertrofiou meu faro por dogmatismos, que detesto com ódio absoluto. Não importa que sejam de direita ou de esquerda. Os da esquerda são piores, porque eles têm obrigação de saber... Vejo a função do filósofo como aquela do menino da estória de Andersen que gritou, no meio da festa: “o rei está nu.” Gosto muito, muito, de viver. Encontro prazer especial em coisas muito simples, como soltar papagaio e armar quebra-cabeças. Tenho medo de morrer.

Rubem Alves, 1981

sagrado para o comportamento, se existe um lugar de verdade para o pensamento, tais lugares não se confundem com os lugares do poder, não importa que o poder tenha sido legitimamente constituído. O segredo e a verdade não habitam as instituições, mas invadem o nosso mundo através da **consciência**.

Isto é subversão. Lutero colocou o mundo de cabeça para baixo. Se o Espírito de Deus não é monopólio de instituições, não é gerenciado por organizações, não é distribuído por burocracias, todas elas perdem a sua aura sagrada. Não podem mais pretender ser eternas.

O Espírito é algo diferente, livre. Como o vento, imprevisível, assopra onde quer, não se sabe donde vem, nem para onde vai. Só podemos ficar à espera, quais meninos com suas pipas na mão...

Ter **consciência** é isto: ficar à espera, aguardando o movimento do vento... Tudo é imprevisível. Nada comparável à imponente imobilidade da catedral gótica, cuja beleza se encontra exatamente no fato de haver ela congelado o espírito de um certo momento da história. Mas ficar à espera do vento é esperar por um movimento, não se sabendo nem onde e nem quando ele se dará...

Duas coisas ficavam assim ligadas.

De um lado, a **liberdade de Deus**. Pode parecer coisa abstrata mas não é. Dizer que Deus é livre significa que ele se ri das nossas tentativas de conhecê-lo pela teologia, aprisioná-lo em instituições, administrá-lo pela burocracia. Ele sempre anda por lugares não previstos, na companhia de gente estranha, fazendo coisas meio esquisitas, tal e qual Jesus Cristo. Traz do cativo um povo sem eira nem beira, faz uma mulher estéril dar à luz, dá vida a um vale de ossos secos, faz uma virgem engravidar, dá tombos nos fortes, põe os fracos nos lugares altos, confunde os sábios, joga mau cheiro sobre a piedade dos que confiam muito em si mesmos,

transforma heróis em vilões e vilões em heróis... E os protestantes, conhecedores deste prazer divino nas inversões súbitas, poderiam prever que ele acabaria por subverter a própria Igreja Católica, derrubando blocos de pedra com o seu sopro suave e fazendo nascer flores entre as fendas das lápides, assombrando os bem-nascidos e fazendo rir as crianças... E se o Espírito de Deus anda por lá, quem somos nós para dizer não?

E, do outro lado, a **consciência da pessoa**, esta estranha capacidade que nos distingue dos bichos, e nos permite perceber as coisas novas e diferentes que o Espírito está fazendo, e mesmo ouvir a sua voz — sinais da gravidez universal da criação, o que faz a gente ficar feliz (Rm 8.22). Era por causa da consciência que Lutero falava que todos os fiéis são sacerdotes. Acabou-se o monopólio do divino. Cada cristão, mesmo uma criança amedrontada, pode ficar de pé e dizer: "Aqui fico. Não posso ir contra a voz da minha consciência."

Se os protestantes tivessem sido espertos e sensíveis à sua própria teologia, eles, há muito, teriam assumido a dianteira, e espalhado por este mundo a fora um sem número de Comunidades Eclesiais de Base. Por que é que bem-nascidos cardeais, bispos conservadores e padres dantanho ficam arrepiados com esta coisa? Isto é coisa de protestante, percebem eles muito bem. Dizia o falecido Gustavo Corção, com toda razão, que a Igreja Católica estava se protestantizando. E parece que nunca disse coisa tão verdadeira. As comunidades protestantes primitivas eram de base, no sentido de que nasciam do povo comum — cada crente era um sacerdote. Eu não tenho medo de dizer que a Igreja Católica está passando hoje pela Reforma — mais uma façanha do vento suave... Com uma diferença. No século XVI a Igreja recuou, e deu aquilo que todos conhecemos. Depois, os protestantes tentaram converter os católicos no varejo, um a um. Mas o espírito ficou meio impaciente, e tratou de fazer a conversão por

atacado. Pela Igreja toda sopra a liberdade de Deus e a voz da consciência: os fiéis estão à escuta, tentando ler os sinais dos tempos...

Quantas coisas nos conta a idéia protestante de que todos os homens são sacerdotes!

A primeira coisa que ela faz é colocar um enorme ponto de interrogação sobre as cabeças das pessoas que se dizem autoridades religiosas, políticas, militares, não importa. De saída é necessário dizer que a autoridade é algo estranho ao espírito do Novo Testamento. Quem quiser ser o maior, que seja o servo. Substituir a espada pelo lava-pés. Deus, poder e verdade, abre mão de tudo, esvazia-se... Leia-se o Novo Testamento e veja-se o papel que as autoridades desempenham ali, a partir de Herodes, mandando matar as crianças, até as autoridades romanas e autoridades judias, mandando matar Jesus. Parece que as pessoas em posição de autoridade são mais susceptíveis à idolatria e à crueldade. É isto que nos conta a história. É claro que a ordem é necessária para tornar possível a nossa convivência. E destas coisas, surge, aos poucos, o espírito da democracia, expressão do doloroso reconhecimento da necessidade da autoridade e da determinação de manter sempre a autoridade no seu devido lugar: não em cima, mas em baixo, como serva e funcionária do corpo sacerdotal — claro! — o povo todo, cada um deles um sacerdote.

Depois ela nos dá permissão para pensar com ousadia os pensamentos mais loucos e mais avançados. Reprimir o pensamento é reprimir a consciência, é colocar a autoridade estabelecida num nível mais alto que a liberdade do indivíduo. Sei que isto horroriza aqueles que habitam os espaços já organizados e disciplinados da vida eclesial. Tudo já está previsto. O futuro não pode ser diferente do passado. A casa está em ordem e os velhos descansam tranquilos. Mas, de repente, uma classe de jardim de infância invade a casa e tudo fica em movimento, borbulhante de vida. Cada peça de museu se transforma

num brinquedo. Cada canto sagrado vira um esconderijo para o jogo de esconder. A ordem cristalizada se transforma na vitalidade indomável... É claro que há muitos que começam a sofrer vertigens, enquanto outros tratam de expulsar a criança... "Se não vos converterdes, e não vos fizerdes como crianças..."

Por séculos o ideal da Igreja foi o de construir jardins geométricos, monocultura, em que tudo permanecesse sob o estrito controle do jardineiro. Agora os protestantes dizem que o Espírito é um semeador sem muito gosto pelos traçados geométricos, que mistura tudo quanto é tipo de semente e as espalha ao vento... E elas brotam na mais fantástica explosão de cores, na desordem maravilhosamente bela que surge da vida... E surge então o mandamento para a pluralidade e a diferença. Os especialistas em cortar pedras dirão que a pluralidade e a diferença são sinais de desintegração. Afinal, se os tijolos não forem todos iguais, a casa cai... Mas, quem é que falou em construir casas? Da mesma forma como a vida, na sua unidade, produz amores perfeitos, cravos-de-defunto, girassóis, musgos, cactos, caquis, bananas, jacas, algas, buchas, erva-doce, losna, abóboras e cerejas, também o Espírito de Deus, na sua unidade e vitalidade pode produzir as mais variadas formas de vida, sejam as culturas indígenas, as dançantes comunidades pentecostais africanas, ordens monásticas, experiências de contra-cultura, as religiões populares e até mesmo os estilos de vida em que nos sentimos em casa. E com os estilos de vida surgem novas formas de pensar e novas formas de falar sobre Deus, sobre Cristo, sobre a salvação... E quem seria aquele que tomaria da espada para liquidar os diferentes? Com que direito? Quem quer que se atreva a liquidar os dissidentes está possuindo da ilusão de ser o detentor do monopólio do divino, e sucumbe à tentação e à crueldade da espada — eclesial ou secular, não importa.

Posso bem perceber o espanto incrédulo nos olhos do meu leitor, protestante de muito anos, que pela primeira vez ouve coisas tão insólitas. E ele procurará ao seu redor para ver onde é que este protestantismo se encontra. Entre os Batistas? Na Igreja Presbiteriana? Quem sabe nas Comunidades Protestantes? Que dizer dos Metodistas? E vamos caminhando, inutilmente, reconhecendo as pedras, identificando a voz da autoridade, ouvindo o barulho típico da tesoura de poder que corta um broto novo... O futuro deve ser uma continuação do passado. As mesmas idéias. A verdade já foi cristalizada em séculos idos. Proibidos de explorar o novo, de pensar o insólito... E as pessoas vão ficando tristes, pensando todos os dias os mesmos pensamentos, fazendo todos os dias as mesmas coisas, orando as mesmas orações espontâneas formadas com a colagem de frases feitas e esterotipadas, sem coragem para contar as coisas que acontecem no fundo da sua alma, porque isto pode perturbar a simetria da rotina...

E eu me lembro então da última coisa que quero dizer sobre a liberdade de Deus, coisa que todo protestante repete. Poucos, entretanto, tomam o risco. **Salvação pela graça.** Salvação não vai de baixo para cima. Salvação vem de cima para baixo. Deus nos ama. Deus resolveu o problema, por conta própria. Isto significa que ele não tem livro caixa, onde entram nossos débitos ou créditos. Os débitos são perdoados e os créditos ignorados. Salvação segundo o modelo do livro caixa é o que os teólogos denominavam "salvação pelas obras". E quem é que pode estar tranqüilo, sem recursos para pedir uma informação sobre o saldo da conta? Salvação pela graça significa: das questões depois da morte Deus já cuidou. Por isto é ocioso gastar pensamento e aflição com discussões sobre a mobília do céu e a temperatura do inferno. Mas sobra tudo o mais que nos ocupar: a preservação da natureza, a arte, a fogueira das armas, para transformá-las em arados e podadeiras; a luta contra os exploradores, a proteção dos

oprimidos, o prazer da liturgia, da música, da comunidade, o brinquedo da teologia. A salvação pela graça significa: é inútil e desnecessário nos preocuparmos com o além. O além pertence a Deus, nossos braços não vão até lá. E Deus já resolveu o assunto, em amor. Somos então livres para sermos totalmente deste mundo, fazendo as coisas que a consciência nos comanda.

Imagino a sua perplexidade que pergunta se não existirá coisa mais oposta ao espírito cristão de amor que o individualismo que leva as pessoas a caminhar de forma solitária, cercadas de muros. Terei de responder que você tem razão. Mas terei de lhe perguntar, em troca, se existe coisa mais oposta à comunhão que a sociabilidade fácil daqueles que se satisfazem com a conversa ociosa da representação de papéis... Toda palavra genuína deve nascer do silêncio. Não posso crer nas declarações de solidariedade daqueles que não freqüentam a solidão de sua própria consciência. Não, o individualismo da Reforma nasce de um profundo respeito pela pessoa, porque cada pessoa é uma "máscara" de Cristo, Cristo se fazendo presente, disfarçado... E assim, quando alguém é desrespeitado, violentado, torturado, quando alguém passa fome e não tem onde morar, é o próprio Cristo que está aí...

Sou protestante. Mas você já deve ter percebido que minha bem-amada está ausente. Meu protestantismo é uma saudade e uma esperança. Esta é a razão por que sinto uma enorme necessidade de ler os pais da Reforma e uma compulsão de ouvir o vento do espírito, para ver onde é que poderei empinar papagaio... Por enquanto, o espírito cantante e brincalhão do protestantismo (sob disfarce, é claro), está fazendo das suas na Igreja Católica. Como eu lhe disse, o Espírito é livre... Talvez ele tenha querido brincar conosco. Talvez não tenhamos querido brincar com ele. E ele está se indo. Ele, porém, volta de vez em quando e haverá de voltar para ficar.

Ê, sou protestante.

Encruzilhada do Natalino ou Encruzilhada dos Colonos sem Terra

No dia 25 de julho de 1981, dia do Colono, realizou-se em Encruzilhada Natalino, município de Ronda Alta (RS), um importante ato de protesto dos colonos sem terra.

Desde março de 1981, famílias de colonos sem terra da região do Grande Sarandi, no Alto Uruguai do Rio Grande do Sul, começaram a montar um acampamento à beira da estrada em Encruzilhada Natalino. Hoje seu número se eleva a aproximadamente seiscentas famílias acampadas.

As famílias acampadas em Encruzilhada Natalino estão inconformadas com a exploração nos preços agrícolas e salários, com a falta de terra para plantar e com as condições draconianas dos arrendamentos a que são submetidos. Estão também desiludidos com as soluções paliativas como a migração para a fronteira agrícola onde se reproduzem os seus problemas ou a migração para a cidade onde vão engrossar as favelas.

Reivindicam "terra para quem nela trabalha" porém não as soluções governamentais expressas nas propostas do INCRA — basicamente a transferência dos colonos para o Mato Grosso — mas querem terra no próprio Rio Grande do Sul. Esta luta dos colonos sem terra toca num ponto nevrálgico: a concentração fundiária existente no Rio Grande do Sul, agravada com a expansão capitalista das últimas décadas e a existência de mais de cento e trinta mil famílias de trabalhadores rurais, agregados, meeiros, enfim colonos sem terra.

O acampamento de Encruzilhada Natalino é expressão das novas formas de organização e luta dos colonos do Sul, desmascarando o "milagre da soja", denunciando o modelo de

desenvolvimento da agricultura e a política governamental com respeito às questões fundiárias de estímulo à produção. O ato de protesto de 25 de julho reuniu aproximadamente vinte mil pessoas representando as organizações combativas dos trabalhadores do RS com apoio dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Urbanos e Igrejas.

O ato de protesto contou com uma procissão ao longo do acampamento, uma tribuna livre e uma missa oficiada por Dom Tomás Balduino, bispo de Goiás Velho.

A importância do ato de protesto pode ser avaliada pelo que afirmou Dom Tomás: "Seu significado não ficará restrito ao Rio Grande do Sul. Isto aqui é igual à greve do ABC paulista. O que a mobilização do ABC representou em consciência e avanço na luta dos trabalhadores urbanos, esta manifestação de Encruzilhada Natalino representará de agora em diante para os trabalhadores rurais, pequenos proprietários sem terra no Brasil".



... o olhar de quem contempla e sabe o que vê...



A Santa Ceia, a velha foto de família e o chimarrão na casa improvisada à beira da estrada.



D. Tomás Balduino celebrava a luta dos colonos e a justiça exigida.



A cruz erguida carregava lençóis dos colonos expulsos.

Luteranos condenam as grandes barragens

Documento final do Encontro Nacional de Pastores Distritais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil realizado em Erechim, RS de 28-31 de julho de 1981.

Nossa momentânea proximidade geográfica dos colonos sem terra, acampados na Encruzilhada Natalino, em Ronda Alta, que há meses vêm reivindicando junto aos órgãos governamentais um pedaço de terra no Rio Grande do Sul, nossa firme confiança no Senhor da história e nosso senso de fraternidade e responsabilidade nos fazem aliar nossas vozes aos anseios destes irmãos. O fato de eles mesmos, como o repetiram incontáveis vezes, não pretendem terra de graça, nos desafia a todos, povo e autoridades, a envidar todo o esforço ao nosso alcance para atender a estas justas reivindicações. Neste sentido, requeremos concretamente às autoridades que viabilizem, com urgência, o crédito fundiário rural, especificamente para agricultores sem terra, dentro daquilo que estabelece o Estatuto da Terra, para que possam reassentar-se no Rio Grande do Sul ou onde desejarem. Enfatizamos a necessidade urgente de pôr em prática a Reforma Agrária e o cumprimento do Estatuto da Terra, bem como o reestudo e a mudança

dos grandes projetos hidrelétricos, em favor de usinas menores, racionalmente distribuídas. Convidamos todos os brasileiros deste País para se unirem na luta persistente em favor da vida abundante e justa para todos, assim como a oferece e viabiliza o nosso Senhor Jesus Cristo."

"— O uso da tecnologia como instrumental dos poderosos nos força a questionar a validade e o sentido da construção das barragens, tanto para o povo diretamente atingido como para a nação em geral. No exemplo, vemos que mais uma vez o preço do progresso e do desenvolvimento ocorre às custas dos pequenos e indefesos, resultando na concentração de riqueza e poder na mão de poucos. Constatando que a característica do modelo político e econômico vigente é a de grandes obras (Itaipu, Usinas Nucleares, e outras), apontamos para os males ecológicos e sociais que os mesmos provocam: destruição das terras férteis, e principalmente a desconsideração para com a pessoa humana, suas raízes históricas, culturais e sociais. Por isso, pleiteamos uma democratização da tecnologia e dos benefícios que a mesma pode trazer para a humanidade.

Reivindicamos mais ênfase na valorização do homem, da terra e da natureza, como dádivas divinas. A inevitável perda de terra fértil e cultivada que dá o sustento ao homem, o conseqüente desequilíbrio eco-

lógico e o irreversível problema social e humano, oriundos das desapropriações, nos fazem questionar a centralização pretendida por quem entende a vida social, política e econômica, exclusivamente do ponto de vista tecnocrático.

O fato de apenas oito a dez por cento do total orçado para a construção das barragens de Machadinho e Itá, na bacia do rio Uruguai, serem previstos para desapropriações de terras, exemplifica quão pouca preocupação há com a população atingida.

Manifestamos o nosso compromisso evangélico com as pessoas atingidas, conscientizando-as de seus direitos, pois confiamos no Senhor que fortalece o cansaço e multiplica as forças aos que não têm nenhum vigor.

Assim, constatando a eficiência dos instrumentos de poder em desalojar famílias de terras que de há muito lhes pertencem, e das quais não pediram para sair, mas devem fazê-lo para dar lugar a construções de grandes usinas hidrelétricas, perguntamos: por que não se pensa em usinas de pequeno porte que correspondam às reais necessidades do povo, evitando as conseqüências catastróficas irreversíveis? Ou por que, pelo menos, não utilizamos o mesmo instrumental para proporcionar reassentamento a deslocados pelas águas e a tantas outras famílias sem terra em nosso País?

Vista geral do acampamento de Ronda Alta, RS.



O menino e a realidade: o que lhe sobrar?

